



pentagrama

Lectorium Rosicrucianum

Por que existe uma Rosa-Cruz moderna

J. van Rijckenborgh

Per aspera ad fontes

Wouter J. Hanegraaff

O mundo parece uma foto superexposta

Mudança como impulso

Luz da luz

Robert Grosseteste

A energia da luz

Das trevas à luz

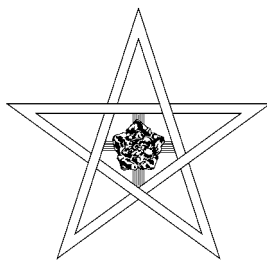
Luz nas cores do arco-íris

Resenha de livro: Inclino-me diante desse amor

Arjo Kamer

MAI/JUN 2012

NÚMERO 3

**Editor responsável**

A.H. v. d. Brul

Linha editorial

P. Huis

Redatores

K. Bode, W. v.d. Brul, A. Gerrits,
H. v. Hooreweeghe, H.P. Knevel, F.
Spakman, A. Stokman-Griever, G. Uljée

Redação

Pentagram
Maartensdijkseweg 1
NL-3723 MC Bilthoven, Países Baixos
e-mail: pentagram.lr@planet.nl

Edição brasileira

Pentagrama Publicações
www.pentagrama.org.br

Administração, assinaturas e vendas

Pentagrama Publicações
C.Postal 39 13.240-000 Jarinu, SP
livros@pentagrama.org.br
assinaturas@pentagrama.org.br
Assinatura anual: R\$ 80,00
Número avulso: R\$ 16,00

Responsável pela Edição Brasileira

M.V. Mesquita de Sousa

Coordenação, tradução e revisão

J.C. de Lima, V.L. Kreher, L.M. Tuacek, U.B. Schmid, N. Soliz,
J.L.F. Ornelas, L.A. Nepomuceno, M.B.P. Timóteo, M.M.R.
Leite, J.A. dos Reis, D. Fonseca, M.D.E. de Oliveira, M.R.M.
Moraes, M.L.B. da Mota, R.D. Luz, F. Luz

Diagramação, capa e interior

D.B. Santos Neves

Terceira capa

H. Rogel

Lectorium Rosicrucianum**Sede no Brasil**

Rua Sebastião Carneiro, 215, São Paulo - SP
Tel. & FAX: (11) 3208-8682
www.rosacruzarea.org.br
info@rosacruzarea.org.br

Sede em Portugal

Travessa das Pedras Negras, 1, 1º, Lisboa
www.rosacruzlectorium.org
escola@rosacruzarea.org

© Stichting Rozekruis Pers
Proibida qualquer reprodução sem
autorização prévia por escrito

ISSN 1677-2253

Revista Bimestral da Escola Internacional da Rosacruz Áurea Lectorium Rosicrucianum

A revista **Pentagrama** dirige a atenção de seus leitores para o desenvolvimento da humanidade nesta nova era que se inicia.

O pentagrama tem sido, através dos tempos, o símbolo do homem renascido, do novo homem. Ele é também o símbolo do Universo e de seu eterno devir, por meio do qual o plano de Deus se manifesta. Entretanto, um símbolo somente tem valor quando se torna realidade. O homem que realiza o pentagrama em seu microcosmo, em seu próprio pequeno mundo, está no caminho da transfiguração.

A revista **Pentagrama** convida o leitor a operar essa revolução espiritual em seu próprio interior.

pentagrama

ano 34 número 3 2012

Cada edição da revista **Pentagrama** procura elucidar algumas das muitas facetas que marcam o percurso da vida do homem como buscador da verdade, da beleza e da luz. O afresco de 2500 anos que ilustra esta edição também nos chama a atenção nesse sentido. Foi encontrado em uma sepultura em Pesto – Itália (cerca de 400 a.C.). Nele, vemos um morto que se despede. É representado como o herói vencedor; montado em seu cavalo. Desde a antiguidade, o cavalo, por ser nobre, é o símbolo da alma. Até Platão, em sua obra *Fedro*, menciona dois cavalos e um cocheiro. Os cavalos representam as forças anímicas; e o cocheiro, a consciência buscadora. Um dos cavalos é apumado e bem constituído, e ergue orgulhosamente a cabeça. Ele sabe o que significa respeito e também o que é temperança e lucidez. Ele ama a verdade. Não precisa de chicote nem de esporas, e o juízo sadio lhe basta. O outro cavalo praticamente não obedece a chicote e esporas, é obstinado e tende à arrogância e à rebeldia. “Quando o cocheiro contempla a face da verdade inspiradora do amor e toda sua alma é estimulada por essa contemplação, e ele é preenchido por um anseio interior, o primeiro cavalo fica-lhe obediente e é refreado pelo autodomínio. Ele não é insubordinado como o outro cavalo, que corcoveia com violência, pondo em perigo toda a carruagem e o cocheiro.”

O herói da gravura domou seu cavalo desenfreado: é mestre de seu destino e, assim, está perfeitamente preparado para entrar na ilha dos bem-aventurados. É a respeito do caminho para essa ilha que a revista **Pentagrama** pretende informar no ano de 2012.



por que existe uma rosa-cruz moderna? 2

j. van rijckenborgh

a energia da luz 7

cura através de biofótons

o mundo parece uma foto superexposta 10

luz nas cores do arco-íris 15

per aspera ad fontes 18

os fundamentos da nossa identidade moderna precisam ser alterados
wouter j. hanegraaff

luz da luz 28

um tratado medieval sobre o surgimento do nosso mundo
robert grosseteste

das trevas à luz 35

do chumbo escuro ao ouro resplandecente

mudança como impulso 38

mudança climática no interior do homem

resenha de livro

inclino-me diante desse amor 46
arjo klamer

por que existe uma rosa-cruz moderna?

J. van Rijckenborgh

A Escola Espiritual, que surgiu há cerca de 88 anos, não toma como base o método dialético habitual de seguir caminhos tradicionais ou encobrir as próprias fraquezas. Aqui, trata-se de seguir a verdade única e realizar a única missão, ambas inalteráveis: reconduzir a humanidade decaída à pátria original e apontar-lhe o único caminho, a única verdade e a única vida, que jamais podem ser alterados.

No entanto, com certeza o que se altera é a época, a forma e a proporção da decadência humana. A Doutrina Universal vai-se ajustando, de acordo com a necessidade do momento, de acordo com o estado de ser físico e espiritual da humanidade. Não pretendemos reviver o *antigo*, mas sim o *universal*. Não pretendemos provar o método antigo, porém provar o método universal em seu sentido lógico e ético adequado para o momento. Considerando os fatos sob essa luz, podemos compreender as palavras de Cristo: “O que era velho passou. Vede, eis que tudo se tornou novo” (II Coríntios 5:17). E, em aparente contradição: “Não penseis que vim revogar a Lei ou os Profetas: não vim para revogar, mas para cumprir.” (Mateus 5:17).

A partir dessas palavras, podemos e devemos apreender de que modo o eterno imperecível se manifesta no tempo, em concordância com o agora. Se nossa obra espiritual não corresponder a essa assinatura, ela é morta. Toda movimentação espiritual tem a tarefa de conceber o universal no hoje. Provavelmente o leitor esteja surpreso pelo fato de que, com relação a isso,

estamos dirigindo sua atenção para o passado, e, principalmente, para o navio celeste do *Livro egípcio dos mortos*. Empreendemos essa tentativa para fazer uma viagem através do passado e esclarecer sua atualidade sob outro aspecto. E, se possível, tentaremos transformar qualquer pausa no curso da vida do leitor em uma verdadeira “viagem de volta”.

“O que era velho passou. Vede, eis que tudo se tornou novo”. O que se tornou novo? Observando os quadros do *Livro egípcio dos mortos*, reconhecemos, em todos eles, o navio celeste ou o barco solar. Em uma das imagens, vemos como Osíris está para tomar lugar no barco solar cercado por sete raios. Em outras, o barco é apresentado com sete remadores ou sete remos. Às vezes Ísis está sentada ao lado de Osíris, e os sete raios formam a criança: Hórus. Quando Xisuthrus, ou Xisuthros, o Noé caldeu, é salvo, vemos como, além dele, sete divindades tomam lugar no navio celeste. Nas gravuras de Yao (um herói da mitologia chinesa) reconhecemos nitidamente que ele é acompanhado por mais sete figuras a bordo do navio. Podemos lembrar também de Manu, com os sete *rishis* que viajam

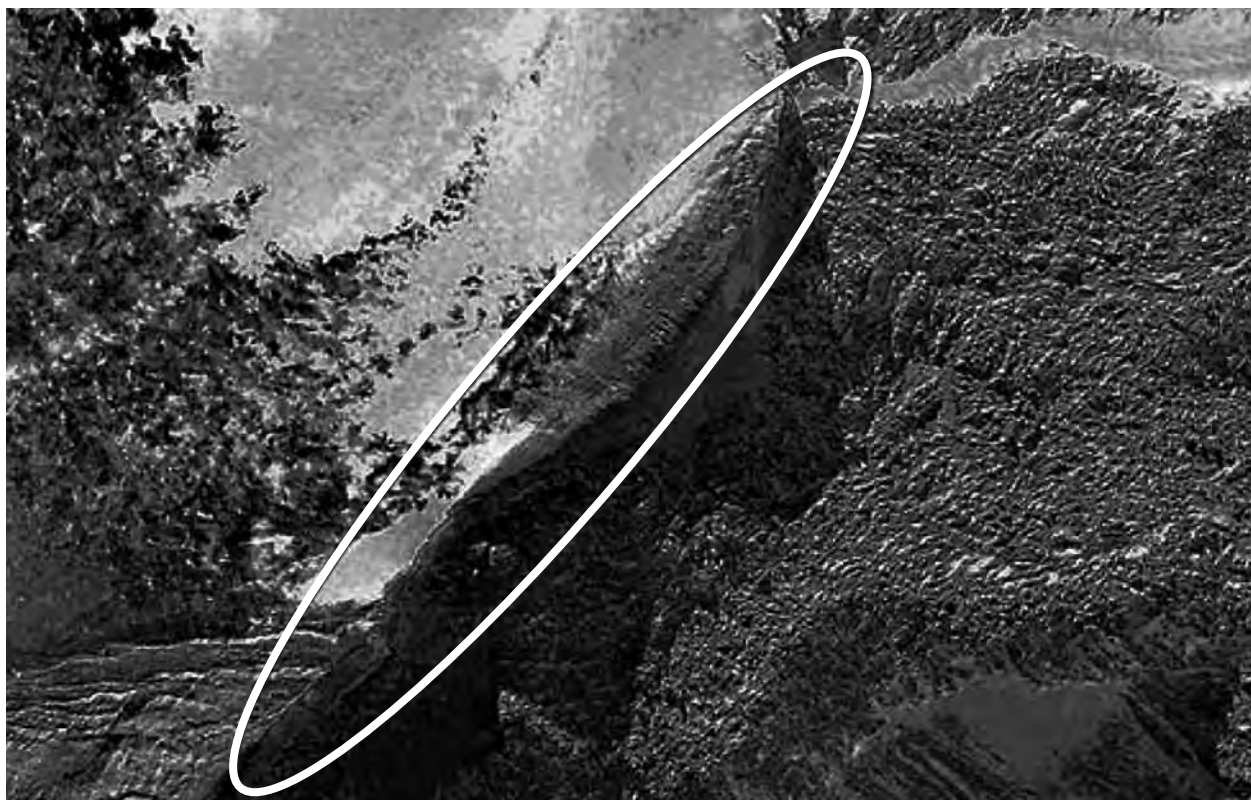


J. van Rijckenborgh e Catharose de Petri, fundadores da Escola Internacional da Rosacruz Áurea, descreviam e explicavam para alunos e interessados, muitas vezes com base em textos originais da Doutrina Universal, o caminho que leva à libertação da alma, do qual foram um exemplo vivo



Firmemente decidido, lá vai ele no caminho que passa pela floresta encantada: aquele que segue a senda.

© Suad al Attar, 1942



com ele na arca. E dirigimos a atenção ainda para relatos semelhantes que existem nos *Puranas* (do hinduísmo) e, acima de tudo, no *Vendidad* persa (que faz parte do *Avesta*), um dos mais antigos livros sagrados. Nesse livro, Ahura Mazda ordena a seu criado Yima: “Faça uma *wara* (um cercado), depois construa uma *argha* (uma arca que corresponde a um veículo). Leve para dentro dela todos os germens vitais do gênero masculino e feminino e moa a terra com as próprias mãos. (...) Traga à vida todas as luzes incriadas!”

NA ARCA DE NOÉ NÃO É DIFERENTE Em seu barco solar, no qual ele escapa da maré da natureza, Noé leva todos os princípios vitais necessários para uma verdadeira vida divina. Tanto na Arca da Aliança, que estava no tabernáculo

erguido no mais recôndito do deserto, como também no Templo de Jerusalém, estão conservados todos os atributos necessários para uma verdadeira vida celeste.

No Novo Testamento há relatos sobre sete anjos e sete trombetas. Os sete anjos tocam suas trombetas uma após a outra. E, quando o sétimo anjo toca a sua, grandes vozes dizem, como se lê no Apocalipse, capítulo 11: “Os reinos do mundo vieram a ser de nosso Senhor e do seu Cristo, e ele reinará para todo o sempre.” (Apocalipse 11:15). “E abriu-se no céu o templo de Deus, e a arca da sua aliança foi vista no seu templo” (Apocalipse 11:19)

As vezes exultam: todos os aspectos de nosso cosmo planetário foram outorgados a nosso Senhor e a seu Cristo. E ele reinará por toda a eternidade. E o templo de Deus, que está no

Um grupo de cientistas afirma ter localizado a Arca de Noé nos flancos do Monte Ararat, com auxílio de militares e de satélites da CIA. Agora, o governo turco pretende colocar placas indicativas (a 5059m de altitude) na expectativa de atrair turistas em busca de aventuras.

céu, é aberto. Em seu centro, o aluno vê a arca, o barco solar, o navio celeste que aportou. E, em nossa consciência, fica gravado de modo indelével: o barco solar de Osiris, retratado nas gravuras do *Livro egípcio dos mortos*, é o mesmo que a arca do profeta de Patmos! E o significado dessas representações simbólicas também é sempre o mesmo!

Para esclarecer melhor esse significado inalterável, vamos considerar como exemplo o navio celeste de Yima no *Vendidad* – o livro de Zaratustra – capítulo 2:25. Como se sabe, Yima faz primeiro uma *wara*, um cercado, um local de trabalho. Nessa *wara*, seguindo as leis da vida universal, ele constrói para si uma *argha*, um novo veículo. O homem que se encontra dentro da *wara* é um livre-construtor: ele trabalha com um novo martelo e uma nova palavra. Ele é o homem que organiza para si um novo lugar de trabalho: é o homem que se distancia resolutamente da vida dialética, que entra no novo campo de vida para ali construir sua *argha*. Portanto, *argha*, barco solar, navio celeste, são designações místicas para simbolizar o homem divino que está iniciando sua viagem para a pátria original.

Para começar essa viagem e conseguir construir uma edificação como essa, é necessário construir uma *wara*, delimitar um cercado. Isso significa que o homem precisa distanciar-se, fundamental e estruturalmente, de sua vida habitual. Ele precisa separar-se de um tipo de vida e de um meio de vida que são evidentemente falsos. Ele terá de moer a terra – ou seja, o eu da natureza inferior – e renunciar ao eu, no interior da *wara* que ele

mesmo construiu. Assim, ele precisa construir um novo homem, um navio celeste com o qual poderá entrar no templo de Deus. Com isso, concluímos nossa viagem através do passado.

OFICINA DE CONSTRUÇÃO Seja qual for o sistema de contato com o divino e de seu despertar em que nos aprofundemos, veremos que a “viagem de retorno” que o *Livro egípcio dos mortos* apresenta é a mesma do Apocalipse. E agora, sem dúvida, podemos compreender quando se diz de Jesus Cristo: “Do Egito chamei meu Filho”. Essas palavras apontam para a mensagem de salvação que não se altera: tanto ontem como hoje, permanece a mesma. Elas apontam para a única e mesma missão, o único e mesmo caminho, a única e mesma verdade, a única e mesma missão do livre-construtor. O que era velho passou. Vede, eis que tudo se tornou novo!

Então, em que sentido devemos compreender os tempos atuais? O velho sempre se manifesta em nova forma, de acordo com os acontecimentos da época e as situações nas quais a onda de vida humana tem sua missão a cumprir – e também de acordo com os grandes processos cósmicos de desenvolvimento. Por isso, muitos alunos preparam-se para, como francomaçons, construir sua *wara* e sua *argha*. A época dos valores velados simbolicamente já passou. O aluno da Escola Espiritual moderna é agora colocado diante dos sete aspectos de seu microcosmo, diante de seus sete campos de vida. Esses sete campos de vida com seus centros de consciência, esses sete *rishis* com seu estado de ser, devem ser regenerados.

Para tanto, existe uma força e um novo toque. E quando falamos de um novo campo de vida, falamos também de uma nova escola de consciência superior relacionada a ele. Com o auxílio dessa escola, o ser humano sétuplo precisa construir sua *wara*. Nela, está à disposição do aluno uma filosofia abrangente, esboçada com clareza, para que ele possa orientar-se perfeitamente. Nesse novo caminho, pode e deve ocorrer uma separação nítida entre o homem que está dentro e fora da *wara*: no interior e no exterior do lugar de trabalho. Esse fato tem consequências que podem ser medidas. Enquanto um dos homens fica preso à vida convencional, o outro entra no navio celeste. Neste último, ocorrerá uma mudança total. E essa mudança, para ser bem sucedida, precisa levar em conta as condições espirituais, cósmicas e atmosféricas de nossa época.

O IMPERECÍVEL UNIVERSAL É por isso que já não faz sentido estudar os métodos antigos de que as escolas do passado se serviram em seu tempo. O que valia há um século hoje já não tem sentido libertador. “O que era velho passou. Vede, eis que tudo se tornou novo”. É por isso que falamos de uma Rosa-Cruz moderna, da nova filosofia e da nova consciência. Porém, exatamente como o Filho, também essas atividades são “chamadas do Egito”, e isso quer dizer que elas têm origem no *Livro egípcio dos mortos*. Elas falam e dão testemunho do imutável universal em uma nova época. Mas “ser chamado do Egito” tem outro significado. Convém chamar a atenção para isso. É que a palavra “Egito” também pode ser traduzida como

“trevas”, e assim poderíamos ler o conhecido fragmento como: “Das trevas chamei meu Filho”. Essa explicação da palavra pode conter uma lição significativa para qualquer buscador, pois, se antes se podia falar de trevas, quanto mais em nossos tempos!

Será que já houve, na História do mundo, tanta perturbação e degeneração, e de tão grandes proporções? Afinal, em todos os domínios da vida, o que é anormal não está sendo levado ao extremo em nossos dias? E é neste estado de trevas que todo “Filho” de Deus é chamado! Todo homem traz em si, em seu sistema microcósmico, o verdadeiro Filho de Deus. Porém, ele está aprisionado em meio à mentira e ao falso humanitarismo, atado à obscuridade e à ignorância. Agrilhoado e preso, ele é, então, chamado por Deus mesmo. Como entender esse chamado de Deus? Um chamado de Deus não é apenas uma voz que toca nossa consciência e desperta nossa memória primordial: trata-se de uma força atual que atinge o mundo inteiro e toda a humanidade e provoca processos e desdobramentos profundos e radicais. Portanto, o chamado de Deus significa que estamos preparados para reagir de forma consciente, harmoniosa e inteligente à força divina atual. É por isso que refletir sobre o passado não tem o menor sentido se esquecermos as exigências do momento. Somente quando a expressão “Do Egito chamei meu Filho” recebe um significado verdadeiro e válido também para o aqui e agora e quando a nova francomaçoneria encontra obreiros diligentes é que essa força divina se torna atuante no homem ✪

a energia da luz

CURA ATRAVÉS DE BIOFÓTONS

A doença faz parte da vida. Em muitos casos, a cura é possível. Porém, também em muitos casos, não é. Na terra, a recuperação é relativa, pois está ligada à imperfeição humana e ao mundo dos opostos. O homem natural procura consolo, cura, libertação. Uma terapia com biofótons, com ondas de luz, pode proporcionar alívio. Mas somente uma entrega completa de si mesmo à luz pode ser uma verdadeira ajuda.

Sem luz não há vida. Cada célula viva precisa de energia para exercer todas as suas funções e também para sustentar sua estrutura. As células humanas (e o corpo tem de 60 a 100 bilhões delas) captam energia por meio da luz. Os alimentos também captam essa energia e somente crescem porque a luz neles penetrou. Sem a energia da luz, a vida cessaria instantaneamente e a estrutura celular morreria. Seria o fim da vida na terra. Neste verão, a revista internacional *Ode* publicou estudos sobre a cura por meio de biofótons. Trata-se de ondas de luz fracas que são irradiadas pelas células. Seria uma forma de cura no futuro? O fato é que a Medicina moderna, apesar de utilizar a química para debelar sintomas, é impotente contra muitas doenças crônicas causadas por nosso estilo de vida contemporâneo. Nunca vamos conseguir resolver um problema no mesmo nível no qual ele se produziu, explicava Einstein.

Na década de 20 do século passado, o russo Alexander Gurwitch comprovou que todas as células do corpo humano irradiam uma luz extremamente fraca, à qual deu o nome de *biofóton*. A luz também contém todas as informações necessárias para conduzir processos bioquímicos muito complexos. No início da década de 80 do século passado, o cientista alemão Fritz Albert Popp demonstrou que distorções da luz levam a perturbações nos processos bioquímicos, o que pode causar doenças (lembramos da “depressão de inverno”).

FREQUÊNCIAS PROGNOSTICAM DOENÇAS A conclusão do holandês Johan Boswinkel foi a de que, se os corpos consistem em “frequências”, é possível medi-las, “extrair” a doença e devolver ao corpo a luz já “reparada”. Em 1983, ele construiu um instrumento para medir a radiação luminosa de um corpo e restaurá-la. Popp já havia desenvolvido um amplificador técnico que mostrava, em nível microscópico, que as células irradiam uma luz sadia, coesa, ou uma luz caótica que denuncia um quadro de doença. Mas um corpo humano consiste em bilhões de células, que emitem múltiplos espectros de radiação. Por isso, Boswinkel valeu-se do fato de que a tensão eletromagnética dos pontos de acupuntura difere da tensão da pele ao seu redor. Quando mensurados, podem apresentar dois resultados: uma linha reta (formada pela tensão forte e constante) ou uma hipérbole, prova de uma tensão que indica a fraqueza desse ponto.

Exige-se de vós uma nova atitude de vida,

atitude completamente diversa, uma vida segundo o Sermão da Montanha. Contudo, se iniciais o processo sem que o campo de luz seja o fator central em vosso ser, não tereis êxito nessa nova atitude de vida... O campo de luz quer manifestar-se para vós, e, então, pela atividade desse campo de luz, torna-se possível a nova atitude de vida. Da vida segundo a fé para a vida segundo a força e da vida segundo a força para a vida segundo a luz: esse é o desenvolvimento da senda. É a vida que provém da luz, e não a luz que provém da vida.

(*A Gnose em sua atual manifestação*, cap. III-6)

Como é que os olhos operam, afinal? Não seria muito mais importante cuidar da orientação do nosso olhar?

Boswinkel aplicou todo o método da eletroacupuntura a um arquivo de potências de Homeopatia. Registrou as informações sobre as frequências das substâncias trabalhadas dessa forma (diluídas). Essas informações de aproximadamente 500 substâncias foram armazenadas no instrumento de Boswinkel como “contrafrequência”. A resultante entre frequência perturbadora e contrafrequência deve ser nula: é assim que se comprova um efeito terapêutico. Portanto, é decisivo saber, primeiro, o que ocasiona a perturbação no corpo. Somente quando se sabe a causa verdadeira é que o aparelho fornece a solução.

Boswinkel dá um exemplo: “Na Medicina, a bactéria *heliobacter pylori* é entendida como a causa da úlcera gástrica. Mas, querendo tratar a úlcera gástrica, tratamos a vesícula biliar e não a contaminação bacteriana do estômago. Quando órgãos e glândulas estão extenuados, o sistema imunológico já não funciona em seu ponto ótimo. O resultado é que o corpo apresenta uma susceptibilidade, e as bactérias, por exemplo, podem aproveitar-se disso”. Até aqui, vemos o incrível relato a respeito da aparelhagem de Boswinkel sobre o paciente, que está com eletrodos no dorso das mãos e debaixo dos pés e recebe de volta sua “própria luz” de “forma invertida”. Para tanto, o diagnóstico correto

é essencial. Depois de 30 anos de tratamento bem sucedido na Áustria, parece que seu reconhecimento científico é iminente.

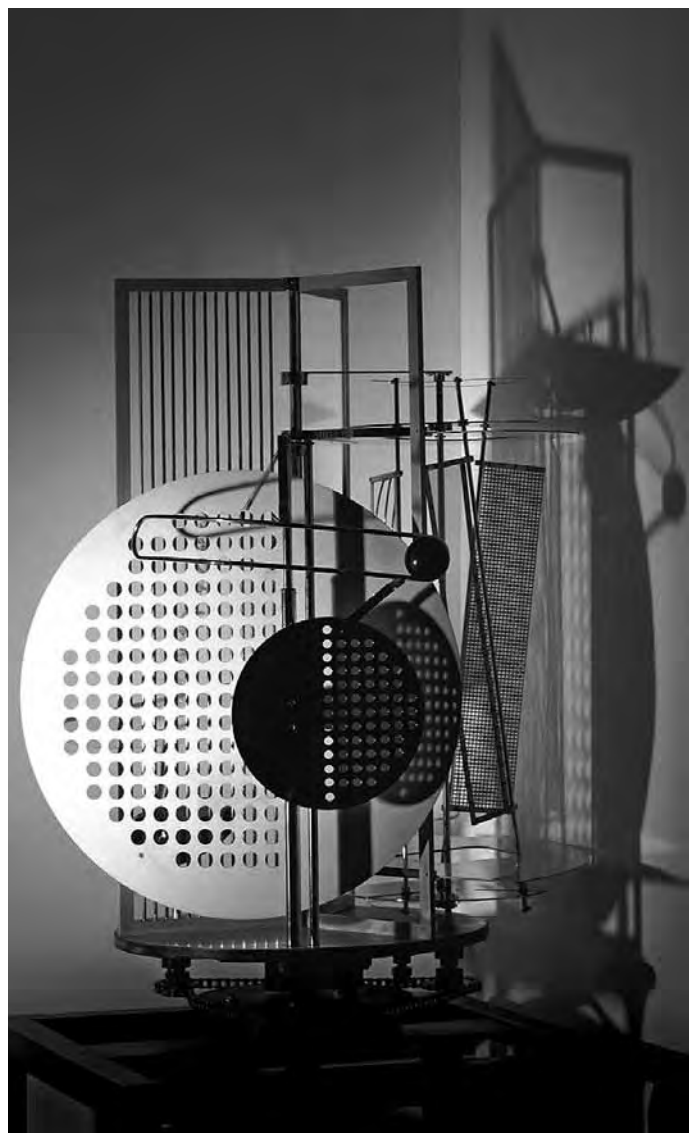
ENTÃO EXISTE LUZ “LIMPA”? Essa é apenas uma parte da história. Porque, quando a luz que a pessoa atrai (por meio dos olhos, da pele, dos chacras, dos pontos de acupuntura) é convertida por processos bioquímicos e logo depois irradiada, provoca um efeito recíproco. A questão é: qual “luz” ela atrai? A luz artificial, por exemplo, contém apenas parte do espectro e, em caso de influência duradoura, também é causa de perturbação em processos bioquímicos. Recentemente saiu em alguns jornais o caso de uma investigação que comprova uma correlação entre profissionais da saúde em serviço noturno e o câncer de mama.

Portanto, existem muitas imperfeições nas circunstâncias da vida de cada um. Será que, em nossa sociedade ocidental ainda é possível assimilar luz “limpa” por meio das células? Em outras palavras: para que luz o homem se abre? E, por fim: será que existe mesmo “luz limpa”? Somos suficientemente objetivos para avaliar isso? E o que nós mesmos podemos fazer a respeito? A propósito, somos capazes de reconhecê-la? Não é verdade que, com relação a isso, só existe confusão e conflito por toda parte? Não é fato que

aquilo que alguém vivencia como positivo outra pessoa acha repulsivo? Então: para onde devemos direcionar os olhos? A que luz podemos conectar-nos? Como é que os olhos operam, afinal? Não seria muito mais importante cuidar da orientação do nosso olhar?

Os textos antigos também falavam a respeito da luz. “Nele [no Verbo] havia vida, e a vida era a luz dos homens. E a luz resplandece nas trevas, mas as trevas não a compreenderam.” “Ou”, diz J. van Rijckenborgh, “em outras palavras: em seguida à manifestação do campo de força, vem a manifestação do campo de luz; e a característica mais importante desse campo de luz é ser ele também um campo de vida. Unicamente pela manifestação da luz é que o campo de força se torna um campo de vida onde todos os alunos da Escola Espiritual gnóstica são acolhidos. O corpo magnético da Escola Espiritual transformou-se em campo de luz, em campo de vida.” Quanto a isso, também vale dizer que luz é vida. Mas qual luz, qual vida? Uma vez que, evidentemente, não temos órgãos para receber essa luz e, portanto, não conseguimos captá-la, não nos é dado viver uma vida de crescente satisfação, em perfeita harmonia com o divino. Desse modo, depois de cada momento feliz voltamos à realidade cotidiana.

OBTER INFORMAÇÕES DE LUZ Talvez só exista *uma* forma de abrir-se: a entrega total do eu a essa outra luz, que é um auxílio para o ser humano. A cura terrena é relativa, pois está sujeita à deficiência humana e ao mundo dos opos-



Moholy-Nagy. Instalação

tos. Uma energia luminosa superior pode, por meio de um *órgão interior*, atingir nossa alma. Contudo, para isso é preciso que nos voltemos firmemente para uma corrente de fótons de informações puras; assim, pouco a pouco nos desligaremos das frequências sombrias do eu. Essa informação de luz realiza outra cura, uma cura de outra ordem. Depois de ter conseguido obter força dessa luz, a alma torna-se consciente. É assim que ela se estabelece em um campo de vida próprio e emerge da morte física ☼

o mundo parece uma foto superexposta

Sem luz não há vida. Mas o mundo dos homens parece uma foto superexposta. A informação central, nuclear, a imagem primordial, acabou ficando desfocada porque a informação sofreu superexposição. De fato: a luz de um campo de vida pode transmitir informações relativas a ele. Mas quem se atreve a levantar o véu de Ísis e ver a si mesmo?

Todo ser humano precisa de luz. Todas as criaturas dependem da luz para manter-se e crescer. Do ponto de vista espiritual, *luz* é outra palavra para *vida*. A luz pura esteve presente desde o início de toda a criação. Ela é a força conservadora e a base de todas as coisas.

Para as culturas antigas (por exemplo os egípcios, os incas e os maias), a luz, representada pelo sol, foi o mais elevado objeto de veneração. Por essa razão, todos esses povos construíram templos solares e pirâmides para o sol. A esfinge de Gizé também pode ser vista como homenagem ao deus da luz. Esse guardião de pedra – o homem espiritual que se eleva do animal – dirige o olhar ansioso, cheio de sabedoria e conhecimento, para o oriente: onde todos os dias o sol aparece no horizonte. O sol simboliza a vida renascida que aparece a leste no horizonte. Do mesmo modo, os sepulcros reais egípcios, na margem oeste do Nilo, onde o sol se põe, são símbolos da vida passada.

A CONSCIÊNCIA VOLTADA PARA O EXTERIOR

A luz solar, Amon-Rá, é símbolo da energia vivificadora, eterna. Ela conserva a terra, milênio a milênio, porque carrega em si a vibração-luz da eternidade. O homem contemplativo nela pode encontrar inspiração, luz espiritual e alimento para a alma – alimento que não se encontra na luz artificial. Nosso corpo também é uma forma composta de luz, uma energia condensada de luz.

Cada partícula de nosso ser é permeada pela luz primordial, que não se deixa reconhecer tão facilmente. Quando a consciência está voltada para fora, a luz fica aprisionada na matéria e não consegue manifestar-se. Assim, a composição dos átomos torna-se cada vez mais densa. Quanto mais descemos na matéria, tanto mais encarceramos a luz em nossos átomos. Esse estado perdura muito tempo até que o homem inicie sua busca pela luz. Quando essa busca penetra suficientemente em seu ser, o ânimo também muda e evoca uma mudança interior. Um ânimo puro, que eleva o ser em fogo e chamas, muda a estrutura atômica. Assim, o homem já pode aproximar-se do fogo da alma primordial.

A SENSACÃO BÁSICA Mas, apesar disso, quantas vezes o homem busca a luz fora de si mesmo? Quantas vezes ele não a encontra ou é ofuscado pela luz ilusória? Entretanto, a verdadeira luz vibra em cada átomo do seu ser. Todos conhecemos a expressão: “O reino de Deus está mais perto que mãos e pés.” A sensação básica de um buscador é a falta permanente de Espírito e de reconhecimento do Espírito. Por isso, muitas vezes ele encontra-se inquieto e sem descanso, faminto, carente da união com o Espírito, sentindo um vácuo interior que precisa ser preenchido. Somente o Espírito é a perfeição que consegue preencher esse vazio. Não é verdade que temos preenchido inevitavelmente esse vazio com

As múltiplas esculturas de cavalos e cavaleiros de Marino Marini (1901-1980) representam todos os possíveis estados de ânimo do homem. A escultura, presente nos jardins do Smithsonian Castle, em Washington DC, irradia intensa e total devoção à vida





Para poder desvelar a imagem são necessários aprofundamento, purificação e autoconhecimento

uma porção de coisas? É que o homem, devido à sua natureza, não consegue conviver com o vazio. Ele se encapsulou no núcleo endurecido de seu ser exterior, alimentado por coisas exteriores. Desse modo, separado do Espírito, é como se ele morresse ou sufocasse. Para escapar desse casulo, ele precisa erguer o véu de Ísis: o véu da ilusão e da ignorância. Assim que o véu de Ísis for retirado, podem ser comemoradas as núpcias com Osíris, o princípio espiritual. Da ligação de Osíris com Ísis nasce a criança-sol: Hórus, o Cristo interior.

No templo em Saís, no Egito, foi encontrado o misterioso quadro de Ísis-com-véu, com a inscrição: “Eu, Isis, sou tudo o que foi, é e será. Nenhum homem mortal jamais tirou meu véu”.

Por que Ísis está velada e por que continua velada ainda para tantos?

APROFUNDAMENTO, PURIFICAÇÃO E AUTO-CONHECIMENTO Quem tira o véu da imagem morre segundo seu antigo estado de ser. Para poder desvelar a imagem, são necessários aprofundamento, purificação e autoconhecimento. Entre a consciência da personalidade humana e o verdadeiro conhecimento da alma existe sempre um véu. Ele vela uma verdade que é tão grande e elevada que não pode ser compreendida pelo pequeno ego, por maior que este seja. A antiga doutrina de sabedoria indiana fala de Maia, do véu que a consciência-eu interpõe entre si mesma e a verdade absoluta.

Para o homem que vive na consciência divina, a realidade está desvelada.

Essa realidade desvelada está oculta dentro do próprio homem. Quando o homem buscador, faminto por solucionar o enigma da

existência, começa a sondar o reino divino dentro de si, tudo o que é velho desaparece e a ilusão da existência separada pode dissolver-se na luz que perpassa tudo o que é vivo. A imagem de Ísis velada é um belo símbolo. Ela nos revela o segredo da alma primordial, a menos que estejamos “vendo como cegos e ouvindo como surdos”. Uma consciência voltada para a matéria não reconhecerá o segredo atrás do véu. O véu retira-se diante do homem que anseia pela solução do enigma da Ísis-com-véu. Quem levanta o véu apenas para ver quem se encontra atrás dele, morre. Mas quem ergue o véu para superar a consciência-eu, encontrar-se-á frente a frente com o Espírito divino.

Então, chega o fim de sua individualidade apartada dos outros seres humanos. Ele enxerga os olhos mortos da imagem e reconhece dentro de si mesmo a alma primordial que vive desvelada dentro dele, esperando pela união com Osíris, o Espírito. O véu caiu, pois nós mesmos somos a chave para o mistério da Ísis velada.

Somente a alma primordial consegue desvelar Ísis. Afinal, Ísis é ela mesma! Assim também entendemos o texto na imagem: “A fruta que produzi é o sol”.

A luz divina dentro do homem não conhece o mundo da ilusão. Sentimos a dor do excesso da luz artificial, da luz da cobiça, dentro do coração? A serpente da cobiça é uma correnteza que existe de fato no sistema de vida

Assim resplandeça a vossa luz! Essas palavras soam como se fossem conhecidas. Mas o homem tende a relegá-las a um passado longínquo ao invés de colocá-las na vida presente. “Assim resplandeça a vossa luz!” O corpo material não consegue entender isso. O núcleo primordial latente no coração desperta a pré-memória de nosso ideal espiritual, nossa missão de vida. Assim, ficamos conscientes de que não conseguimos renegar nossa procedência. Ainda mais: somos interpelados a comprovar isso com palavras e atos – ou melhor, com atos e palavras. “Bem-aventurados são os que ouvem a palavra de Deus e a guardam, e a transformam em atos.”

do homem e mantém a discórdia entre cabeça e coração. Cabeça e coração apenas poderão chegar a uma união, ao desvelar de Ísis e às núpcias com Osíris, quando a serpente da cobiça que existe no homem, no velho fogo serpentino, extinguir-se.

Somente então a luz – a radiação espiritual da fonte primordial do universo – transita em um novo círculo de unidade através do sistema vital. Então a serpente morde a própria cauda. A eternidade irrompe no tempo, ou, como os antigos diziam: o Cristo interior, o sol espiritual, nasce dentro de nosso coração.

A luz atemporal coloca de lado os véus astrais turvos. As trevas, e por isso as motivações pelas quais vivemos ou fomos vividos, são desmascaradas. A luz, que esteve encarcerada, varre as trevas. Somos novamente cingidos com a veste-de-luz! ✪

luz nas cores do arco-íris

A água, que capta a luz do sol, reflete um arco-íris. Sua luz sétupla é vida: sete cores mágicas da construção, da libertação...

“Deus é luz”, dizemos, e os homens experimentam a luz do sol como um sinal visível dessa afirmação. Mas somente conseguimos perceber a luz quando ela se revela no espectro das cores do arco-íris.

Numa posição elevada, por exemplo, num avião ou no pico de uma montanha, conseguimos ver o efeito óptico das cores espectrais refletidas por nuvens escuras – e até como um anel, do qual seríamos o centro. Mas isso evidentemente só acontece enquanto estamos de costas para o sol. Quando percebemos a representação de nossa sombra no meio dessa aura colorida, na neblina, talvez pensemos que o Divino, como uma ponte ou uma porta, também esteja apontando para algo que sempre nos envolve.

Caminhamos pelos cumes ou os escalamos, talvez vagando sem rumo na neblina. E quando a neblina de repente se abre ao sol, surge no lado nebuloso a figura misteriosa cercada pelo anel colorido. A imagem fica conosco. Ela nos acompanha passo a passo, até que a neblina se dissolve e enxergamos de novo, nítido, o caminho diante de nós. Essa imagem que se associou a nós como um guarda na neblina parecia querer indicar algo. Uma antiga designação para esse fenômeno do halo é a palavra “nimbo” – imagem sagrada.

UNIÃO ETERNA Quando nos encontramos na superfície da água ou próximo dela e uma extremidade do arco-íris a toca, vivenciamos outra forma desse efeito prismático, que encanta o observador. Nessa situação, o arco não

parece ser plano, mas redondo, como um tubo ou uma coluna sobre a água. E, com o sol bem baixo, reconhecemos uma coluna quase vertical composta das cores do espectro.

O mais incrível é que um arco-íris não é uma realidade física, mas sim um efeito óptico que se apresenta ao olho humano suscetível às cores. Não conseguimos, por exemplo, aproximar-nos de fato de um arco-íris. Embora não represente uma realidade física, ele tem um efeito enorme e muito agradável sobre o ânimo humano. Muitos autores e poetas já trataram desse assunto. Desde os primórdios dos tempos, o arco-íris é símbolo da esperança. No livro do Gênesis, cap. 9, versículos 14, 16 e 17, é dito: “E acontecerá que, quando eu trazer nuvens sobre a terra, aparecerá o arco nas nuvens (...)

E estará o arco nas nuvens,
e eu o verei,
para me lembrar da aliança eterna
entre Deus e toda a alma vivente (...)

E disse Deus a Noé:
Este é o sinal da aliança
que tenho estabelecido
entre mim e todos
seres vivos na terra”.

A própria luz recebida por nossos olhos não é percebida conscientemente. Ela só pode ser reconhecida pelo cérebro pela refração prismática numa gota de água ou pelo reflexo sobre um objeto. Parece que a luz precisa de



Imagem da página 15: **Nos contos hassídicos, compilados por Martin Buber, cavalos e carroças têm um papel importante: eles são o veículo misterioso com o qual o professor se movimenta entre diferentes dimensões e também no plano físico**

Ilustração: H. Werkman

algo para ser conhecida por nós: algo sobre o qual ela possa refletir-se. A luz pode refletir-se sobre matéria sólida. Assim, tanto a matéria, como também a luz se tornam perceptíveis para nós. Também nós, conscientes de nós mesmos, igualmente somos constituídos por esses aspectos. Contudo, quando os gnósticos falam “Deus é luz”, não estão pensando na luz solar conhecida por nós. Eles não se dirigem à luz da nossa consciência. A luz divina possui um nível de vibração total e inteiramente diferente da nossa

consciência. Ela não encontra nenhum reflexo direto dentro de nós simplesmente porque dentro de nós nada existe que possa refleti-la, e por isso também não a percebemos.

O SEGREDO DA ARCA Mas se não conseguimos perceber a luz divina, como devemos entender a história de Noé, para quem Deus mostrou muito bem esse sinal? Noé é o construtor da arca – do “lugar protegido” ou “da escola de mistérios” – que, depois de sete meses de



A luz invisível divide-se em sete cores visíveis de uma dimensão totalmente diferente

viagem – ou após sete fases (etapas) – chega ao monte sagrado Ararat, à região divina. Vemos que a arca está a caminho até que a pomba – isto é o próprio Espírito divino (Espírito Santo) – permite reconhecer que a base sólida da nova vida foi atingida.

Quem reflete a luz divina é o homem, Noé, na arca construída por ele para salvar e proteger um grupo de almas a ele confiado. Ele reflete o arco-íris porque passou pela silenciosa tranquilidade.

A luz refletida por Noé é a vida renovadora, construída setuplamente. Durante a construção da arca, a luz branca divide-se processualmente em sete raios auxiliares, sete cores mágicas da construção. Essa divisão espectral coloca-nos frente aos sete degraus do processo da transfiguração. Assim, Noé constrói sua arca e, com a bússola da luz que o toca, percorre o caminho durante sete meses, até chegar ao final seguro.

Quando, no processo da transfiguração do grupo que forma a arca, quando a luz invisível se divide em sete cores visíveis, portanto praticamente num fenômeno de renascimento, esse acontecimento já não se refere às cores que podemos perceber, mas sim a um espectro de efeito totalmente diferente.

O NOVO ARCO-CÉU O *vermelho* especialmente claro do primeiro toque suave no coração microcósmico derrama-se no coração da personalidade, no ser sanguíneo, e liga-se a ele.

Depois, com a *cor laranja* de uma nova leveza, uma nova alegria transpassa o ser, e o prana divino começa a fluir no sistema nervoso.

Quando esse novo prana está integrado no ser, manifesta-se no homem um *amarelo* brilhante: a cor de uma nova consciência. Surge uma nova capacidade de pensar que deixa tomar forma uma realidade cada vez mais diretamente inspirada pelo Espírito.

A *cor verde* de uma nova fé fundamentada em um conhecimento progressivo do novo estado em desenvolvimento e a graça que é experimentada cada vez mais trazem forte esperança baseada na verdade: o *azul* de uma perspectiva cada vez mais nítida no horizonte da vida. O *azul* também representa uma nova capacidade dos órgãos sensoriais.

Assim, a arca inteira – o grupo – irradia em um campo de força de *cor índigo*, dirigida por uma energia dinâmica nesse maravilhoso processo da gênese da alma-espírito, enquanto valores etéricos supraterrâneos de *cor violeta* comprovam a realidade da libertação.

Esse mistério sétuplo da luz é o mistério da libertação, e durante a realização das sete fases da construção da arca, o homem e o grupo são envolvidos por um novo arco-céu, com brilho eterno, como um sinal vivo da ligação entre o ser humano e Deus ✪

per aspera ad fontes

“Já faz muitos anos que os assuntos abordados pela *Bibliotheca Philosophica Hermetica* deixaram de ser marginalizados. Pelo contrário: atualmente, eles estão exatamente no centro, na vanguarda de um dos acontecimentos mais excitantes e inovadores dos estudos internacionais voltados para a humanidade”. Assim argumentou Wouter Hanegraaff, Professor de História da Filosofia Hermética, em sua palestra de reabertura da Biblioteca, no dia 16 de dezembro de 2011.

Wouter J. Hanegraaff

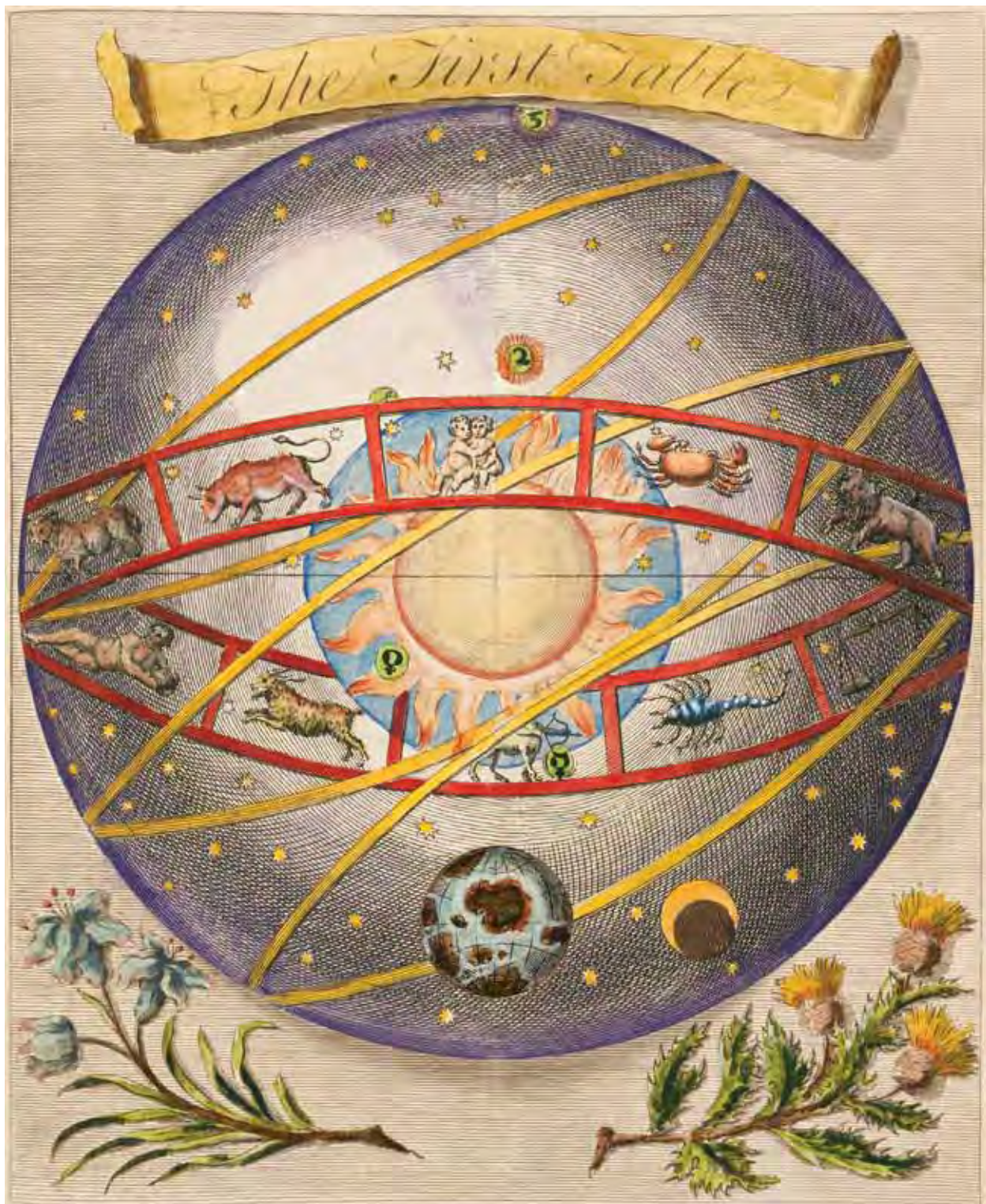
Uma biblioteca é uma memória. A existência de bibliotecas nos faz lembrar quem fomos um dia, como cultura e sociedade. Mas elas são muito mais que uma simples lembrança do passado: manter esse passado diante do olhar nos permite saber quem somos. Afinal, nossa identidade pessoal baseia-se na lembrança de nossa vida passada. Por isso, perder nossa memória equivale literalmente a perder nossa identidade. Do mesmo modo, nossa identidade coletiva baseia-se em nossas lembranças. Elas nos revelam a forma como evoluímos até nos tornarmos quem somos e mostram o percurso que seguimos até o lugar em que nos encontramos. Somente assim alicerçados – isto é, com base em uma sólida compreensão da nossa identidade e de seus fundamentos – é que seremos capazes de tomar decisões responsáveis em relação ao nosso futuro – como indivíduo e como sociedade. Por tudo isso, a preservação de bibliotecas é uma questão de importância cultural, social e até política. Com base nessa perspectiva, a *Bibliotheca Philosophica Hermetica* tem uma característica muito especial, da qual podemos orgulhar-nos: ela é uma coleção única e específica, que esclarece nosso passado – um passado que, se não fosse por ela, ainda recentemente estava ameaçado de cair no esquecimento. Muitos têm dificuldade em entender o termo “filosofia hermética” (quer dizer filosofia hermenêutica?, diziam os colegas bem-intencionados). A mídia, principalmente, associa

termos como “rosa-cruz” ou “teosofia” a fenômenos marginais, sectários ou suspeitos. Romances policiais esotéricos, como os *bestsellers* de Dan Brown, aproveitam-se desses termos, mas não os utilizam com seriedade. Até mesmo o público comum não sabe para que serve uma biblioteca como a *Bibliotheca Philosophica Hermetica*. Na verdade, essa ignorância é sintoma da perda de memória coletiva dos próprios fundamentos da nossa cultura e da nossa sociedade, e isso vem acontecendo desde o século XVIII. Mas essa percepção está em vias de ser ultrapassada, porque há décadas os acadêmicos especialistas em ciências humanas trabalham para corrigir essa amnésia generalizada. Trata-se de uma pesquisa que vai além das fronteiras das disciplinas mais conhecidas, e que ocorre no âmbito da religião, da ciência, da filosofia e das artes, e deve ser vista em suas inter-relações, se quisermos fazer justiça ao papel essencial da filosofia hermética e correntes relacionadas à cultura ocidental.

LENTA REVOLUÇÃO Os resultados fundamentais das pesquisas ecoam lentamente na consciência do conjunto da sociedade. Mas

Painel da entrada da exposição “Fogo Eterno” na *Bibliotheca Philosophica Hermetica*. Trata-se de uma reprodução extraída de uma obra de Jacob Boehme, edição de William Law. Esse diagrama colorido de Dionísio Andreas Freher (1649–1728) simboliza a relação entre Deus, homem e cosmo; ou entre macrocosmo, cosmo e microcosmo – o homem é um pequeno mundo

É PRECISO REVER OS FUNDAMENTOS
DE NOSSA IDENTIDADE ATUAL





Wouter Hanegraaff durante o diálogo de abertura com Esther Oosterwijk, diretora da BPH.

quem tem consciência da evolução sabe que atualmente vem acontecendo uma lenta revolução, em nível internacional. Essa revolução tem consequências profundas e acaba modificando a forma como vemos as “grandes narrativas”, tanto as tradicionais da civilização ocidental como as atuais – e, portanto, nossa própria identidade cultural e social.

O que vem a ser o interesse pelo hermetismo? Para dar um exemplo concreto, gostaria de começar, antes de tudo, com uma pessoa menos evidente: George Sarton. De origem belga, químico e historiador, muitas vezes citado como o “pai da história da ciência”, em 1912 ele fundou a revista *Isis*. Esse periódico é publicado até os dias atuais pela *History of Science Society*, e é considerado uma publicação de referência sobre o assunto: o que a *Nature* representa nas ciências naturais, a *Isis* representa no campo da história. Sarton foi um representante típico da visão positivista da opinião científica, e considerava questões como astrologia, alquimia e magia natural como perniciosas pseudociências:

para ele, a verdadeira ciência só floresceu no século XVII, depois que essa superstição foi extirpada.

Sarton descreve a revolução científica em termos dramáticos como: “Uma luz que vem crescendo e engolindo as trevas”.¹ Para ele, essas “trevas” são a superstição e a magia.

“A ciência é essencialmente progressista, enquanto a magia é essencialmente conservadora”, define. “Não pode haver compromisso entre elas. Não podem caminhar juntas – uma vai para frente, e a outra vai para trás.”²

Muitos ainda pensam dessa maneira, tanto no mundo acadêmico como na sociedade em geral. Há pouco tempo, ouvi um eminente físico holandês alegar, com toda a inocência, que a insanidade temporária que Isaac Newton sofreu ocorreu enquanto ele estava preocupado com a alquimia. Essa insanidade deve, contudo, ter durado muito tempo, se considerarmos que seus manuscritos sobre alquimia são mais numerosos do que seus textos sobre física e óptica. Ele devotou mais de um milhão de palavras à alquimia.

Sarton cometeu um erro fatal que os cientistas não podem se permitir: ele julgou *ex cathedra*, sem se aprofundar na história daquilo que ele tanto desprezava como “magia”. Ele disse explicitamente: “Um historiador da ciência não pode devotar muita atenção ao estudo da superstição e da magia, isto é, da irracionalidade [...]”. A loucura do ser humano não oferece progresso, é imutável e ilimitada, e seu estudo é uma empreitada sem

O que um acelerador de partículas significa para um físico é o que uma biblioteca significa para a humanidade

esperança.³ Um contemporâneo de Sarton, o historiador americano Lynn Thorndike, pensava de modo diferente: a pesquisa deve vir em primeiro lugar, e somente depois pode vir o julgamento. Ele dedicou sua vida à incrível, abrangente e rigorosa pesquisa de arquivos, exatamente sobre esse assunto, e publicou entre 1923 e 1958 um trabalho em oito partes.⁴ Concluiu que as fronteiras entre magia e ciência, pelo menos até o século XVIII, eram tão sutis que era simplesmente impossível praticar história científica sem se aprofundar em temas como magia, astrologia e alquimia. O próprio Thorndike ainda tinha um pé na mentalidade positivista, mas seu trabalho abriu as portas para uma visão muito mais diferenciada e mais precisa, mostrando como a história da ciência está entrelaçada com temas herméticos.

TRADIÇÃO HERMÉTICA Não há dúvida de que, dentro da disciplina da História da Ciência, o conflito entre Sarton e Thorndike pende a favor do último. Desde os anos 1960, um número cada vez maior de historiadores está estudando a tradição hermética, influenciados principalmente pela pioneira inglesa Frances Yates.⁵ Na verdade, desse modo foi dada uma atenção especial ao papel da alquimia no trabalho de Isaac Newton. Não que isso tenha ocorrido sem conflitos. Durante os anos 1970, o grande historiador da ciência, Richard Westfall, autor da impressionante e extraordinária biografia

de Newton⁶, apresentou seu estudo sobre os numerosos manuscritos alquímicos de Newton em uma importante conferência. A historiadora Margaret Jacob estava entre os presentes e lembra-se do que aconteceu: houve suspiros audíveis, e sob a enxurrada de perguntas hostis, Westfall retrucava implacável: “Eu não escrevi estes manuscritos”, ou palavras a propósito.⁷ De fato, quem escreveu foi Newton – um dos maiores gênios da história –, mas muitos dos colegas de Westfall tinham grandes dificuldades para encarar esse fato, e pensavam saber mais do que esse grande homem. Felizmente, a ciência está organizada de tal modo que, ao longo do tempo, os argumentos e evidências empíricas quase sempre vencem os preconceitos. As fontes não mentem: portanto, não só os historiadores sérios da ciência sabem agora que Newton estava de fato intensamente preocupado com a alquimia, como também ficou cada vez mais claro que as excelentes razões que motivaram seu interesse originavam-se do contexto científico de seu tempo. Dessa forma, começamos a focar os aspectos mais importantes da História da Ciência – aspectos para os quais as gerações anteriores estavam completamente cegas. Nesse caso, Newton foi a sensacional ponta de um grande *iceberg*. Por exemplo: Robert Boyle, o principal pioneiro da química, no decorrer de sua carreira, não se afastou da alquimia. Ao contrário: à medida que envelhecia e seu conhecimento aumentava, ele,

Começamos a perceber mais claramente que as “grandes narrativas” do estudo da história tradicional foram demasiadamente seletivas

na qualidade de cientista, ocupava-se cada vez mais intensamente com a alquimia.⁸ Na verdade, isso não corresponde à imagem que o caracteriza, nem a seus resultados científicos, mas esse fato confirma inegavelmente as próprias fontes. A esse respeito, Newton e Boyle não foram uma exceção, mas revelaram-se representantes da ciência daquela época: no período da revolução científica e até mesmo depois, o estudo da alquimia parece realmente ter sido parte integrante da “ciência normal”.

ESSENCIAL E ABSOLUTAMENTE NORMAL O processo de desenvolvimento acontece rapidamente. A revista *Isis - Current Bibliography of the History of Science* (*Isis - Bibliografia Contemporânea da História da Ciência*) publicou durante anos (primeiro apresentada por Sarton), a categoria-padrão intitulada “Pseudociência”. Mas menos de uma década atrás, em 2002, os editores decidiram que esse tipo de publicação já não era compatível com os avanços no conhecimento científico: a bibliografia é adaptada para incluir categorias separadas apenas em “Ciências ocultas e Magia”, “Astrologia” e “Alquimia”, e sem qualquer designação pejorativa. A partir desse exemplo, podemos concluir pelo menos três coisas. Em primeiro lugar que, aos olhos estranhos, assuntos não científicos são considerados pelos especialistas temas importantes perfeitamente normais para pesquisas. Em segundo lugar, que o estudo rigoroso das

fontes nessas áreas levou a uma nova compreensão de como os princípios fundamentais da ciência – e, portanto da nossa cultura moderna e da sociedade – foram alcançados. E, em terceiro lugar, que essa revolução já começou algumas décadas atrás, e atualmente está em pleno andamento. Isso significa que os assuntos tratados pela *Bibliotheca Philosophica Hermetica* não se concentram em questões marginalizadas, como alguns pensam aqui e ali. Pelo contrário, esses assuntos estão exatamente no centro, na vanguarda, com números bem interessantes, com acontecimentos inovadores atualmente estudados pela humanidade no âmbito internacional. A História da Ciência é um exemplo disso: um desenvolvimento semelhante está acontecendo em todas as disciplinas das ciências humanas – e não é válido somente para o início da época moderna, mas para todos os períodos presentes e os que virão. Começamos a perceber mais claramente que as “grandes narrativas” do estudo da história tradicional foram demasiado seletivas, porque, com base em uma ideologia predeterminada, estabeleceu-se o que é sério e o que não é sério para fazer-se uma pesquisa. Vamos pensar, por exemplo, no filósofo Marsilio Ficino – o primeiro tradutor do *Corpus Hermeticum* e de todos os diálogos de Platão. O platonismo que permeia o Renascimento Italiano, da arte e da literatura à filosofia e à religião, é inimaginável sem seu trabalho, mas Ficino ainda aparece no estudo tradicio-

nal da História da Filosofia apenas como uma nota de rodapé, porque ele se desviou demais daquilo que um dia Descartes havia considerado como “verdadeira filosofia”. Somente agora, há algumas décadas, Ficino e seus numerosos simpatizantes têm sido levados a sério. Quantos historiadores da filosofia não resistem ainda a essa tendência, e mesmo a absorver novas e profundas concepções sobre a estrutura da História da Filosofia em particular e sua relação com as disciplinas próximas como a Teologia e a Física!

O mesmo também se aplica a Giordano Bruno, um dos primeiros defensores da visão de mundo de Copérnico e do universo infinito, e que em 1600 foi queimado como herege em Roma, sendo hoje reconhecido como um dos pensadores mais originais de seu tempo. Como quase todos os pensadores (maiores e menores) cujos trabalhos são reunidos na *Bibliotheca Philosophica Hermetica*, é impossível encapsular Giordano Bruno nos limites de uma disciplina. Somente uma inteligência igualmente aberta pode compreender todas as dimensões de sua obra: religiosa, filosófica, científica e até mesmo nas artes plásticas.

SURPREENDER O MUNDO É possível encontrar uma série de outros exemplos da mesma natureza, não apenas em relação ao período anterior (sobre o qual se concentra a *Bibliotheca Philosophica Hermetica*) mas também sobre o período que vai do séc. XIX a nossos dias. O efeito cumulativo de novas pesquisas

em todas as áreas da “História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas” é o de uma nova imagem que está começando a emergir da história e da cultura de onde todos nós viemos. Isso significa que precisamos rever séria e inteligentemente a base da nossa identidade atual. O que um acelerador de partículas significa para um físico é o que uma biblioteca significa para a humanidade. Nas ciências, muitas revoluções que fizeram mudanças no mundo originaram-se das dificuldades, consumindo paciência e muitas vezes um trabalho altamente técnico de pesquisadores com jalecos brancos, ocupando-se com medidas exatas, observações e cálculos que eram entendidos somente por outros especialistas. Na ciência humana não é diferente. Os novos conhecimentos que enriquecem o mundo quase sempre se originam do trabalho de especialistas treinados que, por vezes, participam cuidadosamente de uma investigação bem detalhada das fontes escritas e do material impresso (equivalente às partículas fundamentais da ciência espiritual). Portanto, o legítimo lema da *Bibliotheca Philosophica Hermetica* é *Ad Fontes* (retorno às fontes). As palavras luminosas “o amor de Deus vive nos detalhes” pode ser plenamente aplicada nesse campo. Por pelo menos dez anos, aqui na *Bibliotheca Philosophica Hermetica*, estive envolvido na pesquisa sobre um filósofo injustamente esquecido: Lodovico Lazzarelli, que viveu na segunda metade do século XV. Grandes estudiosos como

Wouter J. Hanegraaff é professor de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas da Universidade de Amsterdã. Publicou: *Religião da Nova Era e da Cultura Ocidental* (1996) e *Ludovico Lazzarelli (1447-1500)*, com R.M. Bouthoorn (2005). Ele também é editor do *Dicionário da Gnosis e do Esoterismo Ocidental* (2005).

Paul Oskar Kristeller, Daniel P. Walker e Moshe Idel “quebraram a cabeça” estudando o significado da obra-prima do misterioso Lazzarelli, o *Crater Hermetis* (a cratera de Hermes). Para os que nunca lidaram com esse tipo de trabalho é difícil imaginar, mas a chave acaba sendo revelada em poucas palavras latinas. Se o abordamos com base no próprio espírito de sua argumentação, Lazzarelli cita uma passagem célebre (e inúmeras vezes temida!) de *Asclépio* no *Corpus Hermeticum*, que tanto havia inquietado terrivelmente, em sua época, o pai da Igreja, Agostinho. Mas Lazzarelli traz algumas mudanças pequenas, de menor importância. Se alguém levar a sério, no entanto, as variedades e motivos da pesquisa, parece que em dado momento todas as matrizes se deslocam com o olhar do pesquisador, e toda a natureza real do trabalho de Lazzarelli torna-se, enfim, clara como o dia.⁹ As implicações dessa descoberta acabaram indo além de Lazzarelli. Isso nos obriga a uma revisão radical da imagem que temos do hermetismo renascentista.¹⁰ Assim, essa revisão nos conduz, por exemplo, para uma perspectiva completamente nova com base em um dos escritores mais influentes do renascimento hermético, Cornélio Agripa, cuja obra e identidade remetem ao *Fausto* de Goethe.¹¹ Essa mudança em nossa concepção do hermetismo renascentista tem implicações importantes, por sua vez, para as questões gerais ligadas à questão das fontes da modernidade. Para esse tipo de

pesquisa detalhada é muitas vezes necessário um grande número de fontes relevantes e simultâneas. É preciso estudá-las em conjunto, e isso só é possível em uma biblioteca como a *Bibliotheca Philosophica Hermetica*, que tenta reagrupar, num mesmo espaço, os documentos originais e toda a literatura especializada que com eles se identificam. Assim, por alguns anos, encontrei-me na sala de estudos dessa biblioteca, a fim de comparar os sentidos atribuídos a determinados termos, com base no maior número possível de traduções e edições quatrocentistas e quinhentistas do *Corpus Hermeticum*. Trata-se de um tipo de pesquisa que, literalmente, não se encontra em nenhum outro lugar no mundo, somente aqui em Amsterdã, porque só neste lugar todas as fontes e edições diferentes estão fisicamente presentes. Assim é possível colocá-las na mesa lado a lado, e andar de uma estante para outra para apanhar a literatura.

ÁRIDO E TEDIOSO Esse tipo de comparação de textos é outro exemplo do tipo de estudo técnico detalhado que algumas vezes pode parecer árido e tedioso (como o trabalho de cientistas de jaleco ao lado do acelerador de partículas). Na realidade, porém, ele é a base necessária para chegarmos possivelmente a conclusões mais impactantes. Todas as grandes revoluções científicas iniciaram-se assim: com alguém que está em algum lugar, em um laboratório ou em uma biblioteca. Alguém que está descobrindo detalhes pouco compreendidos,



Sala de exposições durante a reabertura

cuja importância outros não viram. Finalmente, descobre que a busca por explicações leva a novos *insights* de que ele mesmo inicialmente não suspeitava. É assim que a ciência progride, conforme repetiu inúmeras vezes Robbert Dijkgraaf, e é também por isso que a atual obsessão com a “valorização” da pesquisa fundamental encontra-se em uma estrada sem saída: a utilidade da pesquisa muitas vezes só aparece muito depois que ela foi feita.

Há muitos anos a Holanda tem despertado inveja por causa da presença, em Amsterdã, da mais completa coleção sobre História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas – tudo isso associado a uma cátedra e a um grupo de pesquisadores atuantes no mesmo setor. Essa combinação não se encontra em nenhum outro lugar do mundo: não há sequer algo parecido. Portanto, com o passar dos anos, muitos especialistas encontraram o caminho para a leitura na *Bibliotheca Philosophica Hermetica*, e todos os anos eu recebo cartas de estudantes estrangeiros que relatam que a existência da Biblioteca e o programa curricular da Universidade de Amsterdã são as principais razões para virem estudar aqui.

Desde o início do ano passado tenho recebido outro tipo de cartas e e-mails: denotam surpresa, espanto, incompreensão. E todos não se cansam de falar sobre o inesperado fechamento, que ninguém pensava ser possível, da *Bibliotheca Philosophica Hermetica*, e da consequente separação da coleção em dois locais distintos. Os estudantes que inicialmente viriam estudar aqui em Amsterdã decidiram estudar em outro lugar; e os estudantes estrangeiros que já se encontravam aqui na Holanda se sentiram sem teto, para não falar de mim e de meus colegas, e de nosso departamento.

O ano de 2011 foi um ano desastroso, em que o pesadelo de uma destruição completa e definitiva da *Bibliotheca Philosophica Hermetica* estava tão próximo de acontecer que parecia inevitável. No entanto, isso não aconteceu. É verdade que a Biblioteca sofreu golpes profundamente dolorosos – refiro-me aqui à demissão de um grupo qualificado de bibliotecários e funcionários que conhecem tão bem essa coleção e a amavam tanto; à perda de uma coleção extremamente valiosa de manuscritos e incunábulo; e à separação

A Bibliotheca Philosophica Hermetica é uma biblioteca particular com uma notável coleção de mais de 21.000 volumes – livros e manuscritos – que tratam de filosofia e um grande número de originais de grande raridade. Ela é considerada atualmente a mais importante coleção no campo da filosofia hermético-cristã e esotérica. Um terço da coleção foi comprado pelo Estado holandês e tem o estatuto de patrimônio cultural nacional. Importantes livros da coleção são: o *Corpus Hermeticum*, edição de 1471, e a primeira edição ilustrada de *A divina comédia* de Dante, de 1481. A biblioteca está localizada no centro de Amsterdã ao longo de um dos famosos canais da cidade velha. O endereço é Bloemstraat 13-17, em Amsterdã.

realmente incompreensível e prejudicial de obras de grande valor, estando uma parte agora em Haia e o restante da coleção aqui em Amsterdã. Mas, ao contrário das expectativas de muitos, estamos aqui hoje, mais uma vez, cercados de livros, na rua Bloemstraat, para comemorar a reabertura da *Bibliotheca Philosophica Hermetica*. *Per aspera... ad fontes!* Depois de tantas provações, retornamos às fontes!

OLHANDO PARA O FUTURO Iniciei minha fala dizendo que a biblioteca é como uma memória em que o nosso passado coletivo está armazenado, mas quero encerrar com um vislumbre no futuro. Como eu espero ter deixado bem claro, a *Bibliotheca Philosophica Hermetica* é um fato único – mas não é, absolutamente, um fenômeno isolado. Ela desempenha um papel especial dentro de um processo de desenvolvimento mais amplo de inovação na pesquisa acadêmica internacional. Naturalmente, também encontramos inúmeras fontes herméticas em muitas outras bibliotecas em todo o mundo! Que bom! Mas, em comparação com outras coleções, esta se caracteriza por sua localização especial, seu conceito coerente com a base sobre a qual foi construída. E esse mesmo conceito coerente também é a base de uma disciplina na Universidade de Amsterdã. Por isso é que é tão óbvio haver uma estreita colaboração entre as duas instituições em Amsterdã: 1 mais 1 são 3!

A chave para o futuro reside no desenvolvimento e na expansão de uma Amsterdã hermética (pode-se dizer que gosto daqui por essa conveniência). Dentro do nó central se encontra uma rede dinâmica, internacional e aberta para as partes interessadas, com a máxima utilização de meios técnicos que temos atualmente à nossa disposição. Já se foi o tempo das instituições isoladas, que possuíam tudo em suas mãos. Uma biblioteca não é apenas um edifício onde as pessoas entram pela manhã pela porta da frente e permanecem dentro sem hora para sair: uma biblioteca deveria ser um lugar de encontro, um centro dinâmico, de onde linhas de cooperação e intercâmbio são definidas para muitos lugares ao redor do mundo. Daí o novo lema da biblioteca, “Hermeticamente aberta”, uma escolha particularmente feliz.

Em suma, a *Bibliotheca Philosophica Hermetica* está iniciando uma nova fase de sua existência, enfrentando novos desafios. Com certeza não será fácil, porque a Biblioteca recebeu pesados golpes que precisou suportar, e muitas vezes foi necessário iniciar do ponto zero e reconstruir. Mas, como podemos ver na abertura da exposição de hoje, o fogo continua ardendo e não pretende extinguir-se! Felizmente, a filosofia hermética tem experiência com esse tipo de processo de “filosofia no meio do fogo”. É que a transformação alquímica não é possível sem “as trevas herméticas” (*hermetic black*, na fórmula de Marguerite Yourcenar): a fase mais difícil é

conhecida como o *nigredo*, na qual a corrente é quebrada e destruída, e somente a essência permanece. Então, é a partir daí que é construído algo mais bonito e bem melhor.

Em nome de meus colegas do Centro de História da Filosofia Hermética e Correntes Relacionadas da Universidade de Amsterdã, em nome dos nossos estudantes e também em nome de muitos colegas ao redor do mundo que estão comprometidos com este contexto maravilhoso, quero expressar a esperança fervorosa de que “as trevas herméticas”, a escura fase de demolição e destruição, esteja realmente, completamente e definitivamente para trás, e que o ano de 2012 seja o ano do renascimento da *Bibliotheca Philosophica Hermetica*, que aparece em uma nova forma ♀

Bibliografia:

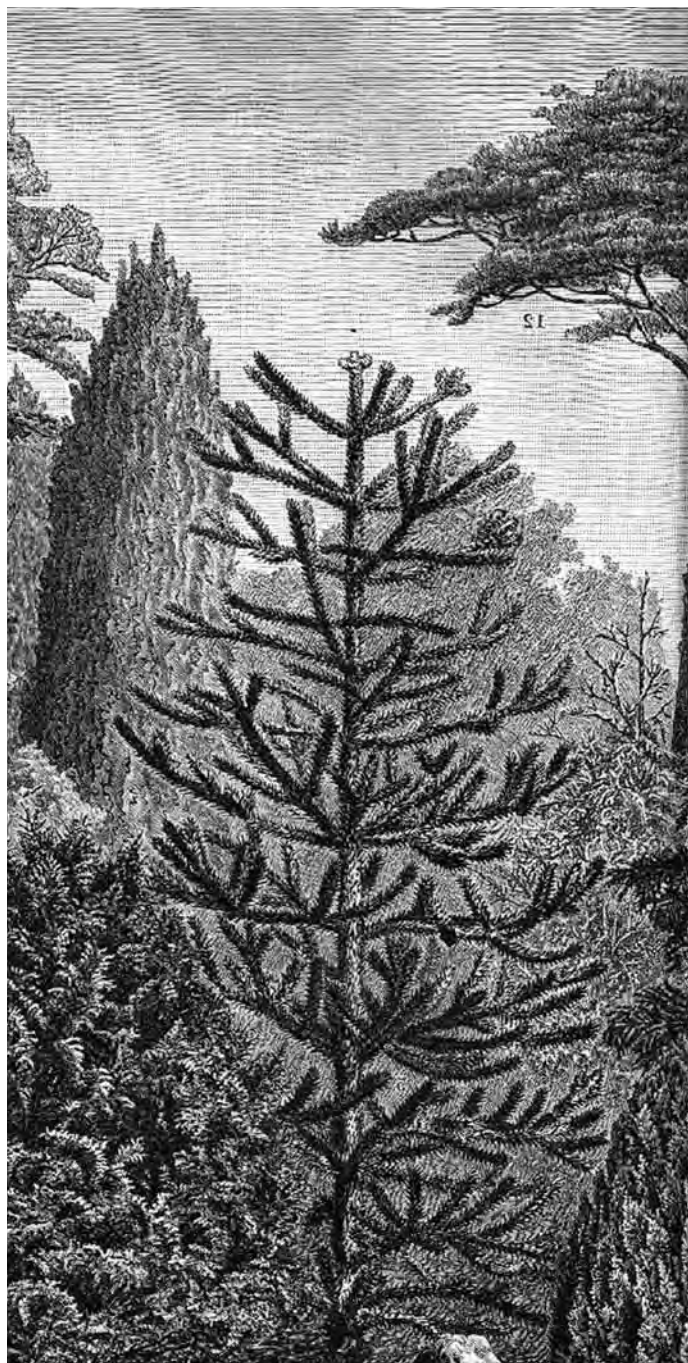
1. Sarton, G. *Review of Lynn Thorndike* (Retrospecto de Lynn Thorndike), *Isis*, 6:1, 1924: 83.
2. *Ibid.*, 84.
3. Sarton, G. *Introduction to the History of Science* (Introdução à História da Ciência), v. I, Nova Iorque: Krieger, 1975. p. 19.
4. Thorndike, L. A. *History of Magic and Experimental Science* (História da magia e da ciência experimental), 8 vols. Nova Iorque: Columbia State University Press, 1923-1958.
5. Hanegraaff, W. J. *Esotericism and the Academy: Rejected Knowledge in Western Culture* (Esoterismo e a Academia: conhecimento desprezado na cultura ocidental). Cambridge University Press, 2012: 322-334.
6. Westfall, R. S. *Never at Rest: A Biography of Isaac Newton* (Nunca em repouso: uma biografia de Isaac Newton). Cambridge University Press, 1980.
7. Jacob, M. *Introduction* (Introdução). In: Force, J.E. & Hutton, S. (eds.). *Newton and Newtonianism: New Studies* (Newton e Newtonismo: novos estudos). Boston/London, Kluwer: Dordrecht, 2004.
8. Principe, L.M. *The Aspiring Adept: Robert Boyle and his Alchemical Quest. Including Boyle's "Lost" Dialogue on the Transmutation of Metals* (O adepto aspirante: Robert Boyle e sua busca alquímica. Incluindo o “último” diálogo de Boyle sobre a transmutação dos metais). Princeton University Press, 1998.
9. Hanegraaff, W.J. & Bouthoorn, R.M. Lodovico Lazzarelli (1447/1500) *The Hermetic Writings and Related Documents, Medieval & Renaissance Texts & Studies* (Os escritos herméticos e documentos relacionados. Textos e Estudos Medievais e Renascentistas), 2005.
10. Copenhaver, B.P. *A Grand End for a Grand Narrative: Lodovico Lazzarelli, Giovanni Mercurio da Correggio and Renaissance Hermetica* (Um grande fim para uma grande narrativa: Lodovico Lazzarelli, Giovanni Mercurio da Correggio e a Hermética Renascentista). *Magic, Ritual & Witchcraft* (Magia, ritual e feitiçaria), 4:2, 2009: 207-223.
11. Hanegraaf, W.J. *Better than Magic: Cornelius Agrippa and Lazzarellian Hermetism* (Melhor do que magia: Cornélio Agripa e o hermetismo lazzarelliano). *Magic, Ritual & Witchcraft* (Magia, ritual e feitiçaria), 4:1, 2009: 1-25.

luz da luz

Para Robert Grosseteste, erudito da Idade Média, o espaço hipotético no qual Euclides representara os números, 300 anos antes de Cristo, era igual em toda parte e multidirecional. Ele afirmou que esse espaço era válido para a expansão da luz. Sobre a luz, ele escreveu o tratado *De Luce* (Sobre a Luz ou o Princípio das Coisas). É desse tratado que provêm algumas citações que constam neste artigo.

Na minha opinião, o primeiro fenômeno físico, que alguns chamam de ‘corpo’, é a luz: afinal, devido à sua natureza, a luz expande-se em todas as direções. Assim, um ponto de luz pode transformar-se imediatamente em uma esfera de luz de qualquer dimensão, a menos que encontre um obstáculo. A propagação de um corpo como esse é necessariamente simultâneo com o aparecimento da forma corporal, embora tanto esse corpo como a matéria sejam, em si, substâncias simples desprovidas de dimensões. Um corpo de substância simples não pode introduzir uma dimensão na matéria de propriedades idênticas às suas. A não ser que ele próprio se multiplique e imediatamente se expanda em todas as direções e, desse modo, participe da matéria mediante sua própria expansão. Explica-se: a forma não pode deixar a matéria, uma vez que está inseparavelmente ligada a ela, e porque a matéria não pode ser destituída de forma.

Também já demonstrei que, devido à sua natureza, a luz tem a particularidade de multiplicar-se e de expandir-se em todas as direções imediatamente. O que quer que realize essa atividade – seja a luz ou outro agente – atua por participar da luz. Consequentemente, essa atividade pertence à essência da própria luz. Portanto, o corpo (a forma da manifestação) é a própria luz ou o agente que realiza a atividade antes mencionada, e atribuí dimensões no espaço ou na matéria, pelo fato de participar da luz e de agir mediante o poder



UM TRATADO MEDIEVAL SOBRE O
SURGIMENTO DO NOSSO MUNDO





Rafael Sanzio de Urbino, Estudo para a escultura de um cavalo, aprox. 1516

que ela lhe confere. Porém a primeira forma não pode introduzir nenhuma dimensão no espaço ou na matéria devido à atividade de uma manifestação consecutiva. Por essa razão, a luz não é uma forma subsequente à corporalidade. Ela própria é a corporalidade!”

DO INFINITO À ESFERA Grosseteste prossegue afirmando que a primeira forma corporal é de essência mais elevada e sublime do que todas as manifestações subsequentes. Ele afirma que a luz tem grande semelhança com a realidade imaterial, além da matéria. Por isso, a luz é a primeira manifestação tangível, concreta. Por sua própria natureza, a luz, – que é a primeira manifestação na matéria primordial (*prima materia*) – multiplica-se em sua infinitude, para todos os lados, expandindo-se em todas as direções. Como a luz multiplica-

–se indefinidamente, precisa estender-se além da finitude do espaço – que apenas conhece um número limitado de dimensões. A seguir, Grosseteste diz que, devido à infinita reprodução de si mesma, a luz ultrapassa os limites da matéria até tomar, por fim, a forma de uma esfera. Em consequência disso, as partes mais exteriores da matéria são mais distendidas e rarefeitas que as que se encontram mais próximas do centro. Por esse motivo, o fenômeno que chamamos de firmamento – a primeira aparição nas partes mais exteriores da esfera – é perfeito por ser constituído apenas da primeira matéria, da primeira forma. Esse primeiro corpo, o *firmamento*, irradia sua luz (*lumen*) a partir de cada uma de suas partes, em direção ao centro do universo. Como a luz (*lux*) é o aperfeiçoamento do primeiro corpo, dele irradia naturalmente, ela se multiplica ao

A luz é a forma e a perfeição de todas as coisas

mesmo tempo que a espiritualidade do primeiro corpo. Consequentemente, do primeiro corpo de luz (*lumen*) surge a luz espiritual, que também pode ser chamada de corpo espiritual (*spirit*). Quando está em movimento, essa luz (*lumen*) não causa nenhuma cisão ou separação entre as manifestações que ela perpassa. Desse modo, dirige-se diretamente do primeiro céu ao centro do universo. Isso ocorre pela multiplicação de si mesma e por sua infinita propagação.

Então, como não existe espaço vazio, através de incontáveis processos de desenvolvimento pelos quais a primeira esfera se completa, surge uma segunda esfera, que é perfeita e já não tem possibilidade de estruturar-se. O aperfeiçoamento da segunda esfera produz-se porque a luz (*lumen*) é recebida da primeira esfera e também pelo fato de que a luz (*lux*), que era única na primeira esfera, se desdobra na segunda esfera.

EXPANSÃO ILIMITADA Grosseteste prossegue: “De igual modo, através de expansão e contração, são criadas várias esferas celestes, da terceira até a nona. E, debaixo da nona esfera, que é a mais inferior, encontra-se a massa extremamente densa, da qual se compõem os quatro elementos. Essa esfera, a esfera da lua, também produz luz (*lumen*), mas sua força não é suficiente para expandir ao máximo a camada mais externa dessa massa. Como esse elemento (o fogo) produz luz a partir de si próprio, e a massa que o envolve se contrai,

suas partes externas se expandem, embora não tanto quanto o fogo. E assim surge o ar. A partir do ar, desenvolve-se uma forma espiritual. Assim como o fogo e o ar, também surgem a água e a terra. Porém, como a água tem mais força de contração do que de expansão, assim como a terra, ela adquire a propriedade de uma massa.”

Grosseteste prossegue: “Foi assim que surgiram as treze esferas do mundo sensorial. Nove delas, as esferas celestes, não estão sujeitas a mudança nem a destruição, porque são perfeitas. As outras quatro esferas, ao contrário: estão submetidas a mudança, desenvolvimento e destruição, por não serem perfeitas. É evidente que cada corpo mais elevado constitui a forma e a consumação da manifestação que surge a seguir, por causa da luz (*lumen*) que dele emana.

Assim como o número “um” contém potencialmente todos os números que se seguem a ele, o primeiro corpo, através da multiplicação de sua luz, constitui cada corpo subsequente. A terra existe devido a todos os corpos mais elevados, porque nela estão reunidas todas as luzes superiores. A terra é o mais denso de todos os corpos. Embora nela se encontrem todas as luzes superiores, elas não são originárias dali por sua própria atividade: entretanto, a luz (*lumen*) de cada esfera está ativa na terra.

Os corpos intermediários têm dupla relação. Sua relação com os corpos inferiores equivale à do primeiro céu, com todas as outras coisas. Sua

Robert Grosseteste (1168-1253) era de família camponesa, mas teve a oportunidade de estudar Direito, Medicina, idiomas, Ciências Naturais e Teologia em Oxford. De 1215 a 1221, ostentou o título honorífico de “Reitor da Universidade”. Em 1235, foi nomeado Bispo de Lincoln, posição que ocupou até a morte. Foi incansável em combater o mau comportamento, a ineficiência e o desleixo do alto clero, e não hesitou em despedir colaboradores, quando necessário. Achava que o clero deveria voltar sua atenção às preocupações e dificuldades dos fiéis em suas paróquias, além de estudar muito. Em 1245, participou do Concílio de Lyon, quando condenou aberta e claramente as irregularidades na conduta do clero. Também foi um adversário público do costume papal de nomear

sacerdotes italianos remunerados para as igrejas inglesas, mas que nunca colocavam os pés na Inglaterra. Grosseteste estudou Geometria, Teoria da Luz e Astronomia. Traduziu escritos gregos e árabes para o latim, e escreveu comentários sobre muitos temas científicos, entre eles sobre as obras *Analytica Priora* (Teoria da Lógica) e a *Physica* (Teoria da Natureza), de Aristóteles. No tocante à astronomia, Grosseteste formulou a tese de que a Via Láctea concentraria a luz de inúmeras estrelas. Realizou intensas experiências com espelhos e lentes, partindo do princípio de que uma teoria deveria ser provada por experimentos e as conclusões precisavam de verificação. Em seu tratado *De Iríde* (O arco-íris) escreveu: “Quando se compreende

bem, essa parte da óptica nos mostra que coisas muito distantes podem parecer muito próximas, e coisas grandes, que estão próximas, podem parecer muito pequenas. Além do mais, ela nos mostra como objetos pequenos, que colocamos a certa distância de nós, podem adquirir qualquer tamanho que desejemos. Assim, é possível ler as menores letras que se encontrem a uma incrível distância, ou contar grãos de areia, sementes ou qualquer outro objeto muito pequeno”. Grosseteste compreendeu que o espaço abstrato, no qual Euclides determinou os números, era igual em toda parte e multidirecional. Ele afirmou que o mesmo era válido para a expansão da luz. Sobre a luz, ele escreveu o tratado *De Luce* (Sobre a Luz ou o Princípio das Coisas).

relação com os corpos superiores é semelhante à relação da terra com todas as outras coisas.

A MULTIPLICIDADE DAS COISAS Portanto, de certo modo, cada coisa está em relação com todas as outras. A forma e a perfeição de todos os corpos é a luz, mas é nas esferas superiores que ela é única e de natureza espiritual mais elevada, enquanto nas esferas inferiores é composta e de natureza física. Além disso, os corpos não são do mesmo tipo, embora todos eles – sejam simples ou compostos – tenham sua origem na mesma luz. Da mesma maneira, nem todos os números são do mesmo tipo, independentemente de todos eles terem surgido de um único número, por meio de uma multiplicação maior ou menor.

Talvez essa consideração elucidie a opinião dos que dizem que “todas as coisas são uma só por causa da perfeição da luz, que é única”, e também dos que afirmam que “a pluralidade das coisas surgiu, em diferentes graus, a partir da multiplicação da luz”.

A respeito disso, Grosseteste observou: “os corpos inferiores são partes dos corpos su-

periores. Por isso, são movidos pela mesma forma imaterial que move os corpos superiores. Assim, a força imaterial da inteligência ou da alma, que movimenta incessantemente a primeira e mais alta esfera, também mantém incessantemente em movimento todas as esferas celestiais inferiores. Isso ocorre a partir de determinada relação. Tratando-se das esferas inferiores, elas recebem a energia motriz em grau vibratório mais fraco. É que, quanto mais baixa a esfera, menores são a pureza e a força da luz primordial que a penetra.

Embora os elementos participem da forma do primeiro céu, a força do movimento do primeiro céu não pode movê-los sempre. Apesar de participarem da luz primordial, eles não estão diretamente ao alcance da primeira força dinamizadora. É que, neles, a luz se enfraqueceu e distanciou, e, por isso, eles já não possuem a pureza que tinham no primeiro corpo. Além disso, a densidade da matéria que contém determina antagonismo e oposição. Seja como for, muitos afirmam que a esfera do fogo evolui segundo um movimento giratório constante. Os cometas seriam a prova disso.

Dizem ainda que esse movimento influencia até mesmo a água dos oceanos e provoca as marés. Entretanto, todos os pensadores sensatos afirmam que a Terra desconhece esse movimento.

As esferas posteriores à segunda esfera (vista da Terra, a segunda seria a oitava) participam do movimento da segunda esfera, uma vez que participam da sua forma. Tal movimento – que é constante – é realmente o correto para cada uma delas. Como as esferas celestes são perfeitas e não são atingidas nem pelo enfraquecimento nem pela densificação, a luz (*lux*) nelas existente também não tende a espalhar suas partes (por rarefação) nem atrair partes para o centro (por densificação). É por essa razão que as esferas celestes não conhecem os movimentos de subir e descer. Elas são impelidas por uma força motriz espiritual que, no plano físico, mantém seu movimento constante.

PARTE E TODO Como os elementos são imperfeitos e estão sujeitos à queda e à ascensão, sua luz interior (*lumen*) os afasta do centro pela rarefação ou os atrai para o centro pela densificação. Por isso, eles estão naturalmente em condição de mover-se para cima ou para baixo. O corpo mais elevado, que é o mais simples e mais puro de todos, consiste em quatro partes: forma, matéria, composição e totalidade.

Como ele tem a forma mais simples, ele constitui uma unidade. Devido à sua característica dupla, a matéria é dual. Isso é correto, graças à sua capacidade sensorial, à sua receptividade a impressões e à condensação fundamental, que são características da matéria.

O todo, em si, é tríplice, porque nele estão presentes: (1) a matéria animadora, (2) a forma materializada visível e (3) o que distingue sua estrutura, que encontramos em qualquer composição. E o que constitui o próprio todo, que está acima e além dessas três partes: o número 4.

No primeiro corpo, que contém todos os outros, encontra-se um grupo de quatro. Em sua essência, os demais corpos não ultrapassam o número dez. É que a unidade da forma, a dualidade da matéria, a tríade da composição e o aspecto quádruplo estrutural constituem o total de dez. Isso significa que dez é o número das esferas do mundo, uma vez que a esfera dos elementos, embora dividida em quatro, forma uma unidade, devido à sua participação na natureza terrena perecível.

Dessas concepções podemos concluir que 'dez' é o número perfeito no universo. É que qualquer todo perfeito contém algo que corresponde à forma e à unidade e algo que corresponde à matéria e à dualidade. Ou seja: algo que corresponde à composição e à tríade, e ainda algo que participa do todo e do quaternário. É impossível acrescentar um quinto a esses quatro. Essa é razão pela qual cada todo perfeito consiste em dez.

Assim fica claro que as cinco partes encontradas nos números 1,2,3 e 4 são as da composição e da harmonia, que conferem estabilidade a cada todo. Essas cinco partes são as únicas que produzem a harmonia da música, do movimento corporal e das leis rítmicas.” ❀

Tradução do latim
De Luce para o inglês
de Claire C. Riedl
Marquette University
Press, Milwaukee,
Wisconsin, 1942



das trevas à luz

DO CHUMBO ESCURO AO OURO RESPLANDESCENTE

Durante muito tempo pensamos que era preciso haver matéria antes de podermos falar de Espírito. Primeiro viria o inconsciente e só depois a consciência. Ou seja: as trevas precederiam a luz. Mas, recentemente, há a crescente convicção de que ocorreu o contrário: o que havia no início era a luz. E essa convicção coincide com a tradição espiritual de muitos séculos.

No princípio, antes mesmo da existência do sol e da lua, havia a luz: a luz da criação, sob forma de luz-energia. No fundo, isso não mudou: a luz-energia continua sempre ativa e está em toda parte. Porém, ao mesmo tempo, essa luz – seja pela razão que for – adquiriu materialidade e densidade para nossos sentidos. Passou a ser vista como matéria densa, perceptível, como os objetos físicos e os corpos isolados. Portanto, parece que a luz também está encerrada em um corpo nascido da matéria (como o do ser humano, que erroneamente o identifica como sendo ele próprio). Vistos a partir da perspectiva da luz original, esses corpos não passam de sombras, formas da ilusão, da *il-lux-ion*, da falsa luz. Mas ainda existe uma luz divina em nosso ímo, na origem do nosso ser. Ela é tão natural quanto nossa contínua negação da sua existência no dia-a-dia. Ela é radiante e indestrutível, e, ao mesmo tempo, oculta e ignorada. É uma luz que está presente em nós em estado latente. Por isso, está condenada a ser uma luz secreta, pois não pode sair, irradiar através de nós. Ela é uma fonte de luz que, apesar de ter sido lançada como semente de luz no solo da nossa alma, não pode brotar. E, isso acontece principalmente porque estamos voltados para tudo o que nos distrai da nossa natureza interior de luz, nos dias e noites alternados da nossa existência. Enquanto isso, nos colocamos vaidosamente no centro das atenções, diante dos holofotes que revelam a importância da fama e da notoriedade. No entanto, por mais

fascinados que estejamos com os fogos-fátuos ao nosso redor, também temos medo do poder das trevas que nos rodeiam, mas que também estão adormecidas em nós. E assim vamos vivendo: como prisioneiros limitados pelo jogo de sombras entre luz e trevas, ainda desconhecendo tudo sobre a verdadeira luz divina, só tendo consciência de nossa sombria luz própria, com a qual imaginamos ter iluminado nossa mente. E assim seguimos, até a hora em que um rápido brilho da verdadeira luz interior consegue chegar à nossa consciência.

INQUIETUDE Vimos a luz! Mas, como nosso ser é sombrio, ela nos encanta e intranquiliza, ao mesmo tempo. De fato vimos a luz, mas não ainda em sua plenitude. Então, ficamos face a face com o sombrio abismo do nosso próprio ser. Por enquanto, ainda não temos nenhuma perspectiva de saída para escapar dessas trevas asfíxias. Por isso, logo que começamos a trilhar o caminho de iluminação e libertação, contrariando todas as nossas expectativas, vem sempre um abatimento. Já não há nada que possa ajudar-nos, nesse momento, a não ser voltarmos o foco do holofote da nossa própria compreensão para a situação desconcertante na qual nos encontramos: o combate entre luz e trevas que se trava dentro de nós. Algo parecido aconteceu com Dante, que, em plena vida, se perdeu num bosque tenebroso. Ou Cristão Rosa-Cruz, cuja casinha foi fortemente abalada por uma tempestade na véspera da Páscoa. Ou como Saulo, que foi derrubado do cavalo por um raio que o deixou cego por

vários dias, até transformar-se em Paulo. Muito antes disso, lá estava o herói solar Osíris, com o qual temos em comum a luz divina. Mas ele também sentia que não estava tudo em ordem em seu ser. Descendente do Rei-Sol, em seu reinado na Terra ele foi rei do Egito. Sob essa forma, como verdadeiro portador da luz, ele foi o protetor do país fértil, da semente dourada que amadurece sob a luz resplandecente do sol. Hoje, ele não representa somente a luz do Espírito divino, mas também a própria imagem dos que fazem mau uso dessa luz, obcecados pela autoilusão, e se banham complacentemente no “luxo” da luz.

Mas as consequências não se fizeram esperar. Seria por ciúme que seu irmão Seth, o sombrio, desejou matá-lo para arrebatá-lo o trono? Ou seria por vingança? Afinal, Osíris havia gerado um filho ilegítimo com a esposa de seu irmão, Néftis. Seja como for, Seth atraiu Osíris para uma armadilha. Ordenou que colocassem Osíris em um caixão selado com chumbo e que fosse jogado nas escuras águas do Nilo. Em companhia de Néftis, sua viúva Ísis percorreu o país em vestes de luto – daí o nome “Ísis negra” – até que encontrou o caixão de seu amado marido preso a um cedro. Mas Seth atrapalhou seu plano de salvamento cortando o corpo do irmão em catorze pedaços e espalhando-os por todo o país.

Isso é o que nos diz o antigo mito. Ele nos conta tudo sobre a situação, aparentemente sem saída, à qual chegamos em nossa busca pela iluminação. Fala sobre como nossa luz natural foi tragicamente encapsulada e dela ficamos separados, rodeados por forças tenebrosas e mortais, no “vale da sombra da morte”, lembrando uma imagem bíblica. Primeiro fomos confundidos pela falsa luz da nossa obstinação. Mas, agora, olhamos perplexos no nosso próprio espelho tenebroso, entregues às forças vingativas da nossa própria contranatureza sombria. Como todo

herói solar, estamos condenados a ser engolidos pelo tenebroso monstro marinho Tiamat, que rouba toda a nossa luz, e a descer até as profundezas da existência, até o caos original do mundo inferior.

ESCURIDÃO Na alquimia, esse estado escabroso é chamado de *nigredo*, a fase escura, *l'oeuvre au noir*. Não é por acaso que o metal correspondente é o escuro chumbo e o planeta dominante é o Saturno morto. A propósito: *Al-chymia* significa “negro”, bem como a palavra *Kemet*, como o Egito foi chamado há muito tempo. Nas escolas de mistérios da Antiguidade, o candidato tinha de passar três dias na mais absoluta escuridão. Somente quando alcançamos o nadir, em um caminho difícil de descida ou *descensus*, que podemos prosseguir rumo ao *ascensus*, ou a subida. Nesse ponto, precisamos ter obrigatoriamente uma paciência absoluta, pois não estamos em condição de fazer nada. O importante nesse momento é seguir Osíris, ficar imóvel e não resistir à descida. Para não fortalecermos ainda mais a reação contrária, temos de soltar as rédeas completamente. Em nosso instinto vital, primeiro nos apropriamos da luz. Mas, agora que as trevas nos ameaçam, não devemos proceder assim: não devemos unir-nos às sombrias forças da morte. Isto é: não devemos mergulhar em autopiedade e em sombrios pensamentos de desespero. Não devemos querer escapar a todo custo do combate interior, mas precisamos, isto sim, estar dispostos a vivenciá-lo plenamente. O único método para superar as trevas é aceitá-las, sem desviar o olhar, tentando ignorá-las, mas sim vivenciando tudo com serenidade e submergindo totalmente na autorrendição. Somente no final dessa noite escura, depois de termos vivenciado a descida até o inferno, é que poderemos aguardar nossa iluminação.

Agora o herói solar, que está na barriga do monstro, acende um fogo que traz luz

O único método para superar as trevas é aceitá-las

às trevas. É somente no silêncio da noite, quando já não buscamos a luz onde ela não pode ser encontrada, que poderemos lembrar de nossa origem e tomar consciência de que somos portadores da luz. Apenas então pode ser redescoberta a luz espiritual oculta. Para isso, é preciso que, ao longo da descida ao inferno, sejam apagadas as velhas luzes que usamos para iluminar artificialmente nossa vida. Mesmo que aparentemente as forças instintivas mais sombrias se desencadeiem em fúria em nosso interior, pode despertar a confiança de que, por trás disso tudo, está oculta a atividade redentora da *lux ex tenebris*, da luz que brilha nas trevas. Na Alquimia, esse processo de metamorfose é chamado *albedo*, numa referência à luz branca e também ao metal prata. Nós a conhecemos também como a luz natalina da alma renascida. Somente agora pode ter início o processo herético de separação: o que é luz é separado do que é treva, o que é leve é separado do que é pesado, com amoroso discernimento. Durante todo esse processo, tivemos a sensação de estarmos sós, por conta própria, por muito tempo. Mas esse não era o caso. Voltamos um pouco à nossa história e, principalmente, ao papel desempenhado por Ísis. No sentido verdadeiro da palavra, ela é a *força-luz* que traz a vida em si, que pode despertar novamente o homem-espírito. Ela também não luta. Deixa Seth cometer todos os seus atos de vingança e tentativas de assassinato, e dedica sua atenção apenas a buscar por seu saudoso

esposo, mesmo que para isso ela tenha de passar por diversas mudanças de figura. Como Ísis dispõe de asas, pode perscrutar o céu em todas as direções, até encontrar e reunir todas as partes do corpo de Osíris. Com o ruflar de suas asas, ela o reanima. E, assim, Osíris torna-se o homem-espírito renascido, o iluminado do princípio, que reina sobre a região da morte. É ele quem pode conduzir o ser humano à manhã radiante da ressurreição: por isso, na Alquimia é chamado de *rubedo*, devido à luz dourada que dele irradia. Da reunificação de Ísis e Osíris, nasce Hórus, a quem o pai transfere o domínio deste mundo. É ele quem vencerá o tenebroso Seth no combate final. E, mesmo que ele perca um olho na luta, Ísis concede-lhe novamente a salvação: ela oferece-lhe um novo olho. É um olho-sol, que lhe permite perceber a luz espiritual. É um olho onividente, sobre o qual não apenas recai a luz, mas que também irradia luz. Por isso, um ser humano como esse tem um espírito desperto e uma alma vivente, com veículos da alma-espírito: é um Hórus, o dourado falcão-sol. Afinal, ele deixou de ser um ser ilusório, pois, como *novo homem*, ele verdadeiramente despertou na luz. Seu corpo de luz apresenta-se como um ornamento completo. Na Alquimia, ele é chamado de corpo de diamante, pois, através dele a luz espiritual pode brilhar sem empecilho. Ele já se transfigurou após todas as transmutações do processo alquímico: tornou-se novamente a luz da luz – da luz primordial ✨

mudança como impulso

“E apesar de tudo, sei que existe alguma coisa que faz sentido. Sei também que o significado não admite brincadeiras.” Assim termina um livro intitulado “Nada”. Faz muito tempo que o homem vem zombando da Terra em que vive. Ele também zomba de seus conterrâneos – fazendo isso, está negando seu próprio significado. “Estamos agora diante de uma revolução completa: 180 graus! Se participarmos do renascimento cósmico, surgirá em nós uma consciência moldada pelo Todo – basta apenas querer reagir a esse impulso. (E nós podemos fazer isso!)”

J á faz algum tempo, li um livro juvenil que tinha o seguinte título: *Nada – Nada que seja importante na vida*. Um garoto se levanta na sala de aula e diz: “Nada tem sentido. Isso eu já sei faz tempo. Por isso, não vale a pena fazer coisa alguma. Acabei de descobrir isso.” Ele pega seus livros, sai e não volta mais para a escola. Passa seu tempo sentado numa árvore, uma ameixeira. Às vezes, joga umas ameixas verdes nas crianças que passam por ali. Um dia ele diz a elas: “Tudo dá na mesma. Porque tudo só começa para depois acabar. Na hora que vocês nascem, já estão começando a morrer. E isso acontece com tudo.” Outro dia, ele disse: “A Terra tem 4 bilhões e 600 milhões de anos, mas vocês vão chegar no máximo até cem. A vida não vale a pena. Tudo não passa de um jogo de faz-de-conta – e de sermos muito bons nisso.” Quando minha mulher e eu compramos esse livro, a vendedora perguntou se éramos suficientemente fortes para lê-lo.

Nada tem sentido. Tudo não passa de um jogo. Tudo só começa para terminar. São afirmações muito claras. Quem pesquisa sobre o significado das coisas tem de seguir um caminho espiritual – e passar por algumas experiências. Só então a vida pode dar-lhe uma resposta. Há muito sofrimento na Terra. Inúmeras pessoas carecem do mínimo necessário. Elas foram colocadas neste mundo e enfrentam pobreza, fome, crueldade e também devastações provocadas pelo homem ou pela natureza. E ainda devastações dentro de si mesmas, aflições. Mesmo nos países em que reina a prosperidade, as devastações se espalham

dentro das pessoas. É claro que elas também sentem as grandes alegrias da vida, o amor, a realização, o reconhecimento – às vezes até ao mesmo tempo. E então tudo isso não significa nada? Será que é só um jogo, um capricho da evolução?

DESCOBERTA Podemos descobrir: existe alguma coisa que nos sustenta. Não importa o que façamos, aconteça o que acontecer, estamos incluídos em “alguma coisa”, fazemos parte de “alguma coisa”. O garoto da nossa história está sentado no galho de uma árvore. A natureza o sustenta, dá-lhe consolo e a possibilidade de atirar as ameixas verdes. Porém, ela não pode comunicar-lhe o significado de sua existência. Todo mundo pode perceber como a natureza os apoia. O brilho de uma flor, a força de uma árvore, as águas de um lago, o voo dos pássaros – tudo isso nos fortalece e eleva. Árvores, flores, água, a amplitude do céu, os animais, tudo isso tem algo a ver conosco, são nossos semelhantes, parte de nós. Eles são nossa origem, nossos companheiros, nossa existência, e nossa alimentação. Ao lado disso, ainda existem outras fontes que nos dão força: a crença religiosa, pensamentos de filósofos, sons de compositores, formas e cores de pintores e escultores. Sempre existe alguma coisa anímico-espiritual que nos influencia, e nos dá ânimo para viver, e nos eleva das situações que nos abatem. Percebemos que, em meio a tudo isso, pode existir algo que dá sentido à nossa existência, mas não conseguimos captar isso com facilidade, sem mais nem menos. De

A MUDANÇA CLIMÁTICA NO INTERIOR DO HOMEM



algum modo estamos incluídos nessa esfera: ela é a nossa origem, nossa existência, mas não podemos percebê-la. Portanto, recebemos uma alimentação dupla: as forças da natureza e as forças da região espiritual. É essa dualidade que nos caracteriza.

IMPULSOS DA REGIÃO DO ESPÍRITO O garoto que está sentado na árvore está vendo somente o que é perecível e transitório: o lado ilusório da sua existência. Ele tem razão de não ver nenhum sentido nisso. Ele não consegue enxergar o que existe no reino da significação, que é o reino da alma-espírito, e que é a outra metade do seu ser, muito mais profunda. É que essa metade ainda não entrou plenamente em ação. É dela que vêm os impulsos que nos impelem a ir em busca da base da nossa existência. Foi um desses impulsos que levou o menino a abandonar sua vida cotidiana, normal. Só que ele não conseguiu identificar o quanto esse impulso era especial. Nos últimos 150 anos, principalmente, os cientistas fizeram muitas descobertas geniais – e fizeram isso influenciados por impulsos como esses, também. E como foi que lidamos com essas descobertas? Construimos os mais sofisticados equipamentos tecnológicos. Nós os utilizamos muito e, muitas vezes, com o auxílio deles praticamos uma exploração abusiva da natureza. Poluímos, devastamos, contaminamos os reinos naturais com radiações. Assim, destruimos aquilo que nos sustenta, que é a nossa existência, que somos nós mesmos. Isso reflete nossa situação. Recebemos impressões do nosso lado anímico-

-espiritual, mas as aplicamos de uma maneira que não corresponde à fonte espiritual de onde elas provêm, nem à natureza na qual vivemos. Tudo porque os dois lados do nosso ser não estão em harmonia um com o outro!

DANDO UMA ESPIADA NA EVOLUÇÃO A evolução fez surgir o ser humano, como resultado de um desenvolvimento que durou bilhões de anos. Será que sua intenção era criar um ser autodestrutivo que causasse danos aos reinos naturais? Um ser descontente de si mesmo, dividido? Isso é pouco provável. É possível, porém, que apenas tenhamos chegado a uma fase do desenvolvimento humano que pode ser chamada de puberdade.

Vamos pensar na nossa própria puberdade, quando muitas tendências profundas, tanto positivas como negativas começaram a definir-se. Como são fortes as tensões que vêm junto com elas! Se fizermos uma transposição para o desenvolvimento da humanidade, poderíamos dizer que, de um modo geral, ainda não chegamos à idade adulta: ainda não nos encontramos. Ainda não unimos as duas partes fundamentais do nosso ser. Em sua essência, essa é a causa da grande crise que enfrentamos em 2012. Com essa consciência que ainda não amadureceu, colocamos em risco nossa existência natural. Hegel chamou nossa consciência de uma “consciência infeliz”. Mas está na hora de darmos um grande passo. Nosso lado da natureza está desenvolvido. Mas nosso lado da alma-espírito, não. Vamos dar uma espiada nos mecanismos de

Na região do Espírito, encontramos a fonte da vida. Na região da natureza, a formação das forças vitais

desenvolvimento da evolução e perguntar o que eles podem dizer-nos sobre a situação atual. Vemos que, em determinado plano, sempre se vai formando uma grande diversidade. O que surge destaca-se e traz, como resultado, uma grande riqueza. Antigamente, muitos elementos químicos surgiram com base no hidrogênio, até chegar a certa saturação. Quando deixou de acontecer alguma coisa essencialmente nova nesse nível, então aconteceu um salto no processo de desenvolvimento: isso, em um período de tempo relativamente curto em termos de história da evolução. Começou a delinear-se uma síntese. Da “sopa primordial” de elementos e ácidos, surgiram os primeiros organismos unicelulares. Eles eram algo completamente novo. Era a primeira vez que existiam seres que possuíam tanto um mundo interior como exterior. Vemos que o todo, o organismo unicelular, era mais do que a soma das suas partes.

Logo que esse nível foi alcançado, começou uma diferenciação. Surgiram os seres vivos multicelulares, e, por fim, desenvolveu-se imensa variedade de plantas e animais. Em determinada fase de desenvolvimento, esse plano também chegou a uma saturação. Isto é: foi atingido um estado que tornou possível uma nova síntese. Assim, surgiu um ser com um órgão pensante, que se desenvolveu, transformando-se no córtex cerebral. Entraram para a história os primeiros hominídeos, os primeiros seres humanos. Era um ser em formação, que tinha condição de refletir sobre si mesmo e a evolução. Finalmente, era um ser com uma consciência, um ego. No

homem, uniram-se a herança vegetal e a animal em sua essência, assumidas em uma forma mais elevada. E ainda foi acrescentada “alguma coisa” originária da região espiritual. O todo que resultou daí era, novamente, mais do que a soma de suas partes. Depois, teve início uma nova diferenciação. Surgiram povos, idiomas, culturas, religiões, até chegarmos às incalculáveis formas de individualismo do homem atual. Cada qual pode considerar-se como seu próprio pequeno mundo. Mas, em nossa época já estão surgindo novos indícios de saturação do processo de desenvolvimento.

SERÁ QUE ESTAMOS DIANTE DE UM SALTO EVOLUTIVO? Mais uma vez é hora de uma síntese, que sempre significa um salto evolutivo. Mas, para quem está nessa fase de desenvolvimento esse salto se apresenta como um processo com muitos pequenos passos. No que será que consiste a síntese atual? Antigamente, as características da planta e do animal foram reunidas no ser humano, formando uma unidade mais elevada. Esse acontecimento natural foi consumado. Porém, no ser humano ainda há a semente espiritual. Ela não foi integrada: a unidade com ela ainda não se processou. A semente ainda não brotou. É por isso que a porta para o mundo espiritual não se abriu para a grande maioria das pessoas. A alma-espírito faz parte de outra dimensão de vida, muito diferente da natural. Na região do Espírito, encontramos a fonte da vida; na região da natureza, a formação das forças vitais. O natural é uma projeção múltipla



Edgar Degas (1843-1917), Estudo de figura com cavalo

das forças anímico-espirituais em um espaço exterior. A consciência do ser humano, seu “eu”, encontra-se bem no meio dessas duas regiões. A parte natural surge aos nossos olhos sob forma densa, solidificada: uma forma sujeita à morte.

UMA NOVA ESTRUTURA ÍGNEA O tempo provoca dissolução, rupturas. É assim que ele age na nossa dimensão de vida. Comprovamos que o espaço da nossa existência é limitado. Nosso lado natural significa efemeridade. A vida espiritual apresenta-se por meio de impulsos: as “águas da vida” (como podemos chamar o

aspecto da alma) fluem através de nós. Elas não conhecem a morte, pois fazem parte do que não é manifesto, do que é incorpóreo. Quando jorram realmente, elas nos transformam, elevando nossa existência a um plano superior, e fazendo de nós novas criaturas. Podemos considerar o aspecto espiritual como um fogo purificador, renovador. Quando nos inflama, ele nos transfigura. Precisamos criar condições para isso. Precisamos estar dispostos a deixar o fogo agir em nós. Só então ele poderá criar, em pleno corpo antigo, uma nova estrutura, uma forma que lhe corresponda, que é uma forma sutil. O que queremos

Todas as forças interiores cooperam para renovar-nos, do imo

dizer com *sutil*? Possuímos estruturas energéticas que transpassam e envolvem nosso corpo de matéria grosseira... São elas que mantêm a forma do nosso corpo físico, regulam os processos orgânicos e são as forças de sustentação para o nosso sentir, desejar, querer e pensar. Nossa vida interior e exterior transcorre em harmonia com essas energias que constituem nossos corpos sutis e os mantêm. Apesar disso, em uma oitava superior do desenvolvimento humano, os corpos sutis terão outra constituição. Então, eles criarão possibilidades para a fusão harmoniosa do Espírito com a natureza.

Mas isso nada tem a ver com o fato de que a consciência atual e as estruturas físicas continuam a desenvolver-se. Estamos novamente diante de um salto na evolução. A fonte da vida que está latente dentro de nós (em uns mais, em outros menos), irromperá, formando uma nova figura que deverá corresponder às suas características. Seremos renovados a partir de dentro! Dentro de nós surgirá uma nova alma, que dará testemunho dessa transformação. Irá tomando forma uma nova consciência, que não tem suas raízes no velho eu, mas que é parte da vida oniabarcante.

UM EXEMPLO PARA A NOVA FORMA Será que existe um exemplo para a nova forma? Sempre há exemplos na evolução. Há dois mil anos, um ser humano construiu a nova forma para nós, de forma exemplar. Ele o fez com perfeição. Mas no nosso caso só podemos falar de estágios iniciais desse processo. Quem nos deu o exem-

plo de como pode surgir um corpo imortal a partir de um corpo antigo, natural, foi Jesus Cristo. “Derrubarei este templo e em três dias o levantarei”, assim ele esboçou simbolicamente esse processo. Pode-se considerar a descrição da vida de Jesus como uma representação metafórica das etapas da metamorfose. É o crescimento progressivo do corpo espiritual no ser humano terreno, cuja consumação ocorre no fenômeno que a Bíblia chama de *ressurreição*. Certo dia, Jesus apresentou-se em sua nova figura, separada do velho corpo. Inicialmente os discípulos não conseguiram percebê-lo sob a nova forma. Ela era de um novo tipo, sutil e espiritual. Mas finalmente eles o reconheceram. É que, em seu caminho espiritual, eles haviam desenvolvido os rudimentos de novos órgãos sensoriais. O novo também já estava se delineando no interior dos apóstolos.

Todos os fundadores das grandes religiões podem ser vistos como pioneiros: eles preparam o caminho para uma nova fase no desenvolvimento da humanidade que mais tarde estará acessível para muitos. Todo grande mestre da humanidade disse as palavras: “Sigam-me!” Em princípio, o processo que culminou com a ressurreição um dia será acessível a todos, e todos poderão dar um passo nessa direção – alguns ou muitos, e não importará a que religião pertençam. O importante é que se processe uma mudança em seu interior, que passem de uma vida egocêntrica para uma vida elevada, a serviço de todos.

A força propulsora da nova síntese tem sua raiz no silêncio da alma-espírito, que participa da tranquilidade do universo

A SITUAÇÃO ATUAL Hoje, no início do terceiro milênio, estão entrando cada vez mais em ação energias que ultrapassam o espectro das energias dos nossos corpos sutis atuais. Em seu curso pelo macrocosmo, a Terra entra numa fase de vibração mais elevada, o que também se torna perceptível em todos nós. No entanto, esse fato em si não tem um efeito libertador. O aumento do nervosismo e de doenças psíquicas aponta justamente na direção contrária. O ritmo acelerado da nossa época também contribui para isso. Hoje se manifestam mais intensamente não apenas as energias naturais do cosmo como também as forças espirituais. Nosso cosmo solar, com todo o seu sistema planetário, também é um campo espiritual de existência. Podemos perceber que atualmente suas energias estão interferindo nos acontecimentos da Terra de forma corretiva, e também se desenvolvem forças autorregeneradoras para eliminar os distúrbios provocados pelos homens. A título de comparação, poderíamos pensar no efeito da febre, que propicia a cura do corpo (neste caso, do corpo da Terra). A humanidade está sendo tocada nos dois planos de existência: no natural e no espiritual. Tanto em um como no outro podemos perceber um aumento vibratório. Muitos mestres espirituais do Oriente e do Ocidente previram tais acontecimentos. Essas novas e intensas forças espirituais podem atuar em conjunto com a semente espiritual no nosso imo, se nós assim permitirmos. Elas são similares às forças do sol espiritual, que estimulam a semente a crescer. Criam novas estruturas de matéria sutil, que

também levam em si a memória da natureza, da Terra. Tudo o que aconteceu está ali preservado, como matriz, e pode ser acessado a partir dessa memória. Assim, talvez o que o Salvador viveu – como milagre – possa servir como protótipo. Já podemos integrar-nos à matriz e dela participar. Em outras palavras: podemos entrar em consonância com ela! Isso é confirmado, à sua maneira e em sua terminologia, pelas mais recentes descobertas das ciências naturais.

CONSEQUÊNCIAS PARA OS REINOS NATURAIS

Um salto como esse no processo de desenvolvimento do homem tem um grande efeito, uma vez que somos a síntese dos mundos animal e vegetal. Somos o “filho da evolução”, sua quintessência atual, o ápice do desenvolvimento natural, que está indissolúvelmente ligado à infraestrutura dos reinos animal e vegetal. Estamos unidos aos seres da natureza, que nos seguem no processo de desenvolvimento. Tudo o que fazemos influi em tudo o que existe. O universo aguarda o nosso avanço. Na Epístola aos Romanos, capítulo 8:19, lemos: “Porque a ardente expectativa da criatura espera a manifestação dos filhos de Deus”. E a seguir em 8:21: “Na esperança de que também a mesma criatura será libertada da servidão da corrupção...” Logo que a nova matriz interior conectar-nos com nossa pátria espiritual, com uma natureza mais elevada, todos os reinos naturais, que vêm atrás de nós e sofrem sob o nosso domínio, e que são acoçados e explorados por nós, serão libertados da escravidão em que se encontram atualmente.


Eles nos dão a base da vida e nós lhes abriremos o portal para que continuem seu desenvolvimento. O ser humano é o fator condutor do processo evolutivo. Quando ele segue em frente, possibilita que os mundos animal e vegetal também possam dar um passo adiante rumo a algo novo para eles. A ponte entre os seres vivos são seus corpos sutis. A planta, o animal e o homem estão ligados por correntes etéricas. O homem e o reino animal estão ligados por correntes astrais. E forças mentais constituem a esfera especial da humanidade. A região mental é um caos de ideias, um mar acadêmico fascinante, que não deixa o ser humano tranquilo.

Mas a força propulsora da nova síntese tem sua raiz no silêncio da alma-espírito. Esta participa da tranquilidade do universo e abrange o Todo da criação. Quando fazemos parte do corpo cósmico de ressurreição, surge em nós uma consciência influenciada pelo Todo, que, plena de alegria, espelha Deus, o cosmo, o ser humano e os reinos naturais. Hoje, os primeiros sinais desse desenvolvimento já podem ser notados, pois em todo canto do mundo as pessoas estão lutando por uma renovação da consciência. *Es geht ums Ganze* (Trata-se do Todo) é o título de um livro do físico quântico Hans-Peter Dürr, que durante muitos anos foi diretor do Instituto Max Planck de Ciências Naturais em Munique.

NOVAS FORMAS DE CONSCIÊNCIA PARA TODA A CRIAÇÃO Esses novos impulsos levam rumo a um novo código de conduta. Todos os esforços em prol da ecologia são precursores desse

processo. O que os caracteriza é a consciência da responsabilidade. No entanto, quando, em seu caminho espiritual de mudança, o homem permite que a unidade surja estruturalmente em si, ele só poderá agir em harmonia com o Todo, porque o Todo vive nele.

Ele vivencia interiormente a conexão com os reinos naturais, suas vidas, e colabora para oferecer impulsos renovadores a todos eles. Ele está em consonância com tudo e sabe de sua corresponsabilidade nesse processo. As criaturas dos reinos naturais são seus irmãos menores. Afinal, ele sabe que, por trás deles, neles e através deles, também estão atuando grandes energias espirituais. Elas imprimem sua marca na beleza e na genialidade das formas e das funções do mundo animal e vegetal. O impulso da nova síntese entre o ser humano natural e a vida espiritual traz impactos para todo o mundo animal e vegetal. Na Doutrina Universal é dito que, então, os animais terão uma forma de consciência. Os primeiros indícios disso já podem ser observados hoje. Não se pode prever como será cada uma dessas manifestações. O fato é que o caminho da transformação, que um ser humano pode decidir-se a trilhar de livre e espontânea vontade, representará forte impulso para a recuperação da Terra. É que as forças da consciência da unidade irão fluir através dela. Em seu poema *Der gefesselte Strom* (A torrente bloqueada), Hölderlin foi profético: “... Assim que a voz do filho de Deus se fizer ouvir, despertará novamente a alegria no seio da terra...” ✪



RESENHA DE LIVRO
SÖREN KIERKEGAARD
O QUE O AMOR FAZ

Arjo Klamer

inclino-me diante desse

Reciprocidade é o tipo de conceito que um economista consegue usar, até mesmo em assuntos intangíveis: você faz alguma coisa para alguém, a outra pessoa faz alguma coisa por você. Mas as observações de Sören Kierkegaard sobre o verdadeiro amor, em seu livro *O que o amor faz*, transcendem essa forma de contabilidade moral de forma surpreendente. Por isso, o economista Arjo Klamer manifesta sua impressão assim: “É de perder a fala – caio em silêncio”.

Adição e subtração dos contabilistas é algo que distorce a imagem da realidade. Todos são confrontados com isso quando se trata de impostos ou demonstrações financeiras. Receitas, despesas, ativos e passivos: adicionando e subtraindo, sabemos o quanto foi ganho e se somos ricos ou pobres.

Todos esses números e resultados parecem ser substanciais e inexoráveis. Mas serão reais, de fato? Refletem as coisas essenciais da vida? Será que meu salário diz alguma coisa sobre a qualidade da minha vida familiar? O balanço reflete algo da força inspiradora de uma organização? Será que o PIB (Produto Interno Bruto) de uma nação mostra a vitalidade da sua sociedade? Alguém já conseguiu calcular a felicidade? Provavelmente, essas perguntas estão totalmente fora do âmbito de um economista. Frequentemente se espera

que os economistas ocupem-se com o profano, com tudo o que possa expressar-se através do dinheiro, do câmbio ou *quid pro quo* (“toma lá, dá cá”). O mundo da economia apresentase como um mundo

inflexível, onde a suavidade, os sentimentos, a beleza, o amor e o sagrado ficam distantes. Parece estar ainda distante a ideia da afetividade de uma vida familiar, uma organização inspiradora e uma sociedade forte. Se o livro de Sören Kierkegaard, *O que o amor faz*, for lido do ponto de vista da Ciência Econômica é de esperar-se que não se consiga tirar muito proveito.

Visto com outros olhos, o assunto torna-se diferente. Livros desse filósofo dinamarquês, antes deixados de lado, fizeram-me ficar frente a frente com os valores da verdade. Até então, minha vida era hipócrita, experimental e medrosa, permeada por uma luta intensa com questões existenciais. Consequentemente, vivia ponderando sobre essas mesmas questões e, aparentemente, vivendo de acordo com minhas próprias convicções.

A luta pelo amor verdadeiro – de acordo com a convicção de que o amor transcende – em detrimento do que eu considerava o mais elevado amor, como o amor pela esposa, intrigou-me enormemente. Como pode ele fazê-lo, perguntei-me, desesperado, durante a minha procura justamente pelo amor mundano.

O conceito de amor do autor é tão total que me faz sentir pequeno. “Mas isso não tem nada a ver com a economia!”, você poderia pensar. O que





amor

S. Kierkegaard.

me faz franzir minha testa de economista é a linguagem usada por Kierkegaard. No capítulo 5 do livro *O que o amor faz* há uma citação a Romanos 13:8: “Que não possuas outro dever do que amar-vos mutuamente”. “O amor”, diz a sabedoria antiga, “é um filho da riqueza e da pobreza”. Ninguém é tão pobre quanto o filho do amor. E depois vem a conta, sua tese central: o amor cria dívida, uma dívida infinita. Riqueza, pobreza, dívida: isso é linguagem de economista! Se continuarmos a ler com maior compreensão, notaremos o quanto Kierkegaard pensa em termos financeiros. Tomemos por exemplo, essa anotação do seu diário: “Eu nasci em 1813, naquele ano financeiro cheio de corrupção, quando havia notas falsas em circulação. Minha vida pode ser comparada a esse tipo de dinheiro. Existe algo majestoso em mim, que, devido ao contexto errado, não tem nenhum valor”. Meu pai jamais diria algo assim, desgostoso como era quando se tratava de dinheiro.

Excepcional é essa fascinação pelo profano, que não existe no mundo do sagrado. E isso fica mais evidente quando prosseguimos a leitura. Tomemos a Bíblia, por exemplo. Nesse texto sagrado, o economista encontra consolo. Às vezes parece que é escrita por economistas, embora se trate de uma contabilidade moral. Isso significa que o lucro se apresenta de outra forma: por exemplo, na forma de graça e bênção. Os pecados são anotados ao lado dos prejuízos. Se prejudiquei alguém, então tenho uma dívida para com essa pessoa, e estou com saldo negativo. Essa pessoa pode pedir para ser reembolsada

– o que pode ser feito de forma financeira ou de outra maneira. O Deus do Antigo Testamento também estava em busca de retribuição.

Até hoje ainda pagamos pelas dívidas contraiadas por Adão e Eva quando deixaram o Paraíso! Quando agimos com aparência moral não estamos fazendo mais do que uma espécie de contabilidade moral: portanto, é só uma questão de somar e subtrair. Não é tão difícil de reconhecer isso na vida cotidiana. Se alguém me ajuda, pode esperar um favor de volta. Isso se chama “reciprocidade”, e faz pensar na operação de câmbio tão importante para os economistas. Há apenas uma diferença: essas transações são mais complexas porque falta um meio de troca uniforme, como o dinheiro. Alguém pode fazer-me um enorme favor como estímulo, pode dar-me uma atenção sincera, ou manter comigo uma relação lucrativa, mas o “quando” e o “como” da retribuição é que é problemático. Compensar com dinheiro geralmente não funciona, e pode até ser ofensivo. Assim, minha culpa com o outro acaba aumentando muito mais do que diminuindo. Geralmente seria melhor compensar com favores, como ajudar a escrever uma carta, dar emprego ao filho do meu benfeitor (o favor pode, portanto, ser dado à outra pessoa) ou com um honesto “obrigado”. Este último gesto é extraordinário! Você recebe alguma coisa importante, e talvez cara, e a única coisa que precisa dar de volta é: “obrigado”. Essa palavra conta como pagamento da dívida.

Essas relações nada mais são do que restaurar o equilíbrio entre o lucro e prejuízo, entre crédito e

Arjo Klamer é professor da faculdade de economia cultural da Universidade Erasmus e tentou descrever em seu livro *In Hemelsnaam* (Em nome do céu), Ten Have, 2006, o aspecto aleatório da economia.

O texto aqui apresentado é o da palestra dada na apresentação da nova tradução do livro de Sören Kierkegaard *Wat de Liefde doet* (O que o amor faz), traduzido por Lineke Buijs e Andries Visser, editora Damon, e que apareceu também no jornal *Trouw* de 1.º de dezembro de 2007.

débito. Porém, e essa é uma diferença crucial em relação à troca econômica, saldar a dívida não é algo que se faça com moeda, mas com grandezas impalpáveis, como gestos e palavras. Minha mulher e eu gastamos enorme quantidade de dinheiro e tempo (especialmente ela) para educar nossos filhos, e ficamos satisfeitos se eles continuarem a olhar-nos nos olhos, a lavar a louça, e esperamos que mais tarde nos façam uma visita agradável. Não espero realmente que eles se ocupem de nós um dia em troca dos cuidados que lhes dispensamos, pois isso não tem cabimento e seria muita exigência. Hoje, os filhos que se ocupam dos pais passam a encará-los rapidamente como uma carga e se esquecem totalmente da atenção de que antes se beneficiaram.

Houve um tempo em que isso foi diferente. Aparentemente, o equilíbrio desviou-se mais para o lado deles. De qualquer maneira, relacionamento é uma questão de dar e receber. A arte está em discernir quando dar e receber estão em equilíbrio.

Em um contexto mais amplo, isso também se aplica. Os alemães, mais do que os japoneses, pensam na Segunda Guerra Mundial como uma grande dívida que ainda não foi saldada. Depois da Primeira Guerra Mundial, os franceses quiseram retribuição em dinheiro, carvão e usinas siderúrgicas. Os contabilistas calcularam o quanto disso tudo era necessário para compensar a perda de vida e de capital econômico dos franceses. Os alemães acharam injusto esse acerto, e por isso vieram as represálias. O resultado foi a tragédia da Segunda Guerra Mundial. Depois dessa guerra, os americanos concluíram que era melhor

ajudar os devedores do que castigá-los. A consequência foi um grande sentimento de culpa da parte dos alemães. Por isso os alemães se dispuseram a sacrificar o marco alemão – mas isso ainda não foi suficiente. A dívida parece interminável! Com isso, chego à observação intrigante que Kierkegaard faz sobre o amor. Tal como já citei, segundo ele, o amor cria uma dívida infinita para quem ama. “Isso não faz sentido”, pensei eu a princípio, assim como todos com quem conversei e que concordaram comigo. Quem ama oferece seu amor para os outros. Por receber esse amor ficam os outros em dívida. É assim que nós calculamos, não é? Não. De acordo com Kierkegaard, é precisamente o contrário. Ele tem uma maneira complexa de escrever, mas, depois de ler algumas vezes, percebi o que ele quis dizer: amor que causa dívida não pode ser amor verdadeiro. Esse amor verdadeiro não pode ser pago. Quem dá amor não empobrece, e portanto não tem de receber nada em troca. Pelo contrário! De acordo com Kierkegaard, dar amor só faz a dívida ficar cada vez infinitamente maior. Como isso é possível? Bem, assim esclarece o grande pensador, o amor é um presente, um presente de Deus, por assim dizer. Quem tem amor é imensuravelmente rico. Assim, está infinitamente endividado para com Deus.

Eu fico em silêncio. Como pessoa, esse amor me parece impossível – não conheço ninguém que viva nesse amor – e o contabilista que vive dentro de mim nada sabe sobre isso.

Por mais calculistas que possamos ser na reciprocidade moral da vida cotidiana, no final das contas, o verdadeiro amor é um ato *incalculável*. Então, humildemente, inclino-me diante desse amor, que Kierkegaard descreve de modo tão convincente ♣

A LUZ DO MUNDO

J. van Rijckenborgh



Haja luz! E a luz acendeu-se no coração do ser humano que, desde então, acolheu em si o arbítrio de ocultá-la sob o alqueire ou colocá-la no velador. Trata-se de uma responsabilidade à qual a humanidade não pode subtrair-se, pois ela mesma traça seu destino.

A profunda amizade entre o autor e as palavras do Sermão da Montanha permitem-lhe revelar seus segredos e rasgar, assim, os véus da ignorância dos que andam em trevas. A luz resplandece para todos!

▲ R\$ 30,00

nova edição

88 págs.

ISBN 9788540924111



Quando adentramos totalmente o reino do amor,
o mundo – por mais imperfeito que seja – torna-se
rico e bonito, pois ele não consiste em outra coisa
senão em oportunidades para amar.

Sören Kirkegaard

ISSN 1677-2253



9 771677 225003

R\$ 16,00